

Kátia Camargo

tempo de esperança,





tempo de esperança,

Kátia Camargo

1ª edição 2023

como tudo começou? um mergulho em diferentes realidades

“Você precisa escrever sobre os projetos da FEAC. Mas não só escrever, tem que visitar, sentir, conhecer de perto as histórias, olhar nos olhos das pessoas, vivenciar as histórias e tentar enxergar além”, disse-me Luis Norberto Pascoal, da Fundação Educar, durante uma conversa.

Quem conhece Luis Norberto sabe que ele acorda todos os dias buscando formas de tentar deixar o mundo um lugar melhor para se viver. E ele sabia que, na FEAC, eu encontraria histórias potentes e inspiradoras de projetos que têm ajudado a melhorar o mundo com ações transformadoras.

Gosto muito de uma definição que a

jornalista Edlaine Garcia escreveu em seu livro *Que nem pipoca*, ao falar de Luis Norberto: “Ele não é milho, não é pipoca. É estouro!”. Ao me convidar para mergulhar nos projetos da FEAC, ele realmente provocou um “estouro” no meu aprendizado, pois, à medida que fui visitando e conhecendo os projetos da FEAC, eu percebia que eles eram muito mais pulsantes e vivos do que eu sabia ou mesmo imaginava. E, para uma jornalista que sempre acreditou que lugar de repórter é na rua, começava aí um mergulho nas histórias de vidas que estavam sendo reescritas por meio dos muitos projetos em que a FEAC atua.

Conhecer uma pequena parte dos projetos da FEAC me fez enxergar muito além de números e estatísticas. Para relatar o que vi e senti, eu poderia simplesmente usar a expressão “vulnerabilidade social”. Mas os projetos me fizeram enxergar e conhecer as pessoas e suas histórias, para além de sua categoria estatística.

Nesse percurso, ouvi narrativas de pessoas que passaram fome, não têm onde morar, são usuárias de drogas, não têm trabalho e nem oportunidade por falta de qualificação ou defasagem escolar, que já passaram por inúmeras formas de violência, das imagináveis e não imagináveis, adolescentes e jovens que vão completar 18 anos e precisam sair do abrigo, que é o único lugar que conheceram como lar, mães que têm filhos com algum tipo de deficiência e precisam pensar como será o futuro dos filhos quando elas morrerem, gente que esperava até quatro anos para conseguir uma cadeira de rodas,

gente que se uniu com a comunidade e tem feito a diferença na vida de todo mundo.

Os 14 exemplos de projetos da FEAC descritos nas próximas páginas são só uma pequena amostra do trabalho gigante que acontece por lá. E, ainda que as histórias pessoais tenham me impactado muito pelas diversas dificuldades enfrentadas, eu saí de cada lugar e de cada conversa com uma frase ecoando na minha cabeça: “É preciso ter esperança, mas esperança do verbo esperar”, como bem disse Paulo Freire, o patrono da educação brasileira. O trabalho da FEAC traz esse esperar para muitas pessoas.

Agradeço ao Luis Norberto Pascoal, pela oportunidade de aprender tanto nos últimos meses com esta escrita. Agradeço também pela disponibilidade de tanta gente que me ajudou a percorrer esse caminho, mas nem vou citar nomes, para não correr o risco de esquecer alguém, pois todos foram essenciais.



A vida nos traz desafios e oportunidades. Fui sempre um agraciado por fatos que mudaram a minha vida e a realidade. E, com certeza, a FEAC foi o maior deles. Ao poder ajudar essa excepcional entidade, uma união de homens e mulheres maravilhosas da sociedade, senti que também poderia contribuir com um livro-relato de vários projetos importantíssimos que estão sendo apoiados de forma inovadora. E, ao convidar a jornalista Kátia Camargo para fazer este trabalho maravilhoso, fico muito feliz pelos que foram entrevistados e pelos relatos incríveis que alimentam a nossa esperança de uma sociedade mais justa e humana.

Luis Norberto Pascoal
Presidente do Grupo DPaschoal



sumário

12	sobre a fundação feac
17	empreende campinas
25	agricultura urbana
35	trilhar
43	brinca comigo
51	qualifica: da cabeça aos pés
59	florescer
67	asas
75	codifica
83	novo olhar
93	urbanizarte
101	oficina locomover
109	gerir e gerir estratégico
115	hub da cidadania ativa
123	potencializar

sobre a fundação feac

A Fundação FEAC nasceu em Campinas, em 1964, com o objetivo de contribuir para a criação de uma sociedade mais justa, sustentável e com igualdade de oportunidades para todos. Foi o casal Odila e Lafayette Álvaro que doou a Fazenda Brandina, garantindo o patrimônio necessário para o surgimento da FEAC no município.

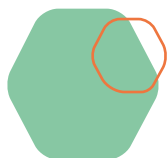
A FEAC investe em educação, assistência social e promoção humana, olhando para as regiões e populações mais vulneráveis de Campinas, e tem contribuído para reescrever muitas histórias.

Vale destacar que a inovação sempre esteve presente na trajetória da Fundação FEAC, tornando-a uma referência

de modelo para todo o Brasil. Se antes as instituições costumavam agir isoladamente, a FEAC avançou ao buscar uma atuação articulada, centralizando a arrecadação de recursos e ofertando apoio técnico e profissional a entidades assistenciais, além de estimular o voluntariado, algo inédito em todo o Brasil.

Nessa trajetória de quase 60 anos, a FEAC elegeu três palavras potentes, que ajudam a dimensionar e nortear os cerca de 130 projetos com os quais atua no município de Campinas: Empoderar, Potencializar e Impulsionar.

Empoderando populações vulneráveis, investe em iniciativas que buscam promover o processo de crescimento, construção de identidade, educação, parti-



cipação social e exercício da cidadania para pessoas em situação de risco social.

Potencializando territórios vulneráveis e fortalecendo conexões, apoia projetos que estimulam a articulação de lideranças e equipamentos das comunidades, para que seus próprios moradores desenvolvam, coletivamente, soluções para os problemas locais.

Impulsionando organizações, empresas e pessoas pelas causas sociais, promove a qualificação e a capacitação de organizações do terceiro setor, movimentos sociais e espaços de controle social das políticas públicas. Atua também na mobilização de empresas e outros atores da sociedade civil para investir em iniciativas de impacto social.

Com a filantropia estratégica, a FEAC tem buscado, cada vez mais, o desenvolvimento e a mudança efetiva da sociedade,

olhando não só para o presente, mas para o futuro. “Nossos investimentos passam por metas inteligentes, com modelos de avaliação robustos e a utilização de dados consistentes para o planejamento, visando, assim, o melhor uso de recursos e também de resultados”, conta Renato Nahas Batista, presidente da FEAC.

Em 2018, em consonância com as novas demandas sociais e as referências mundiais para o terceiro setor, a Fundação FEAC reorganizou seus investimentos sociais em programas. Dessa forma, sua atuação em rede é potencializada pela cocriação de vários projetos que fortalecem antigas parcerias e possibilitam novas cooperações. “Antes eram realizados somente apoios institucionais. Entendemos que atuar por meio de projetos nos ajuda a enxergar no que estamos acertando

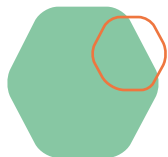
e no que é necessário fazer ajustes. A previsão é de que, até o ano de 2024, todo o investimento social da FEAC aconteça a partir de projetos alinhados aos programas e aos eixos de atuação”, conta Jair Resende, superintendente socioeducativo da FEAC.

Essa reorganização de investimento social tem sido muito interessante, mostrando resultados bem impactantes tanto para as OSCs (Organização da Sociedade Civil) como para os territórios e, principalmente, as pessoas. “Com os projetos, conseguimos obter mais eficiência na aplicação dos recursos e verificar se as ações, de fato, estão atingindo o objetivo de impactar positivamente o público a que se destinam. Seguimos nos alinhando com as melhores práticas do terceiro setor”, complementa Jair.

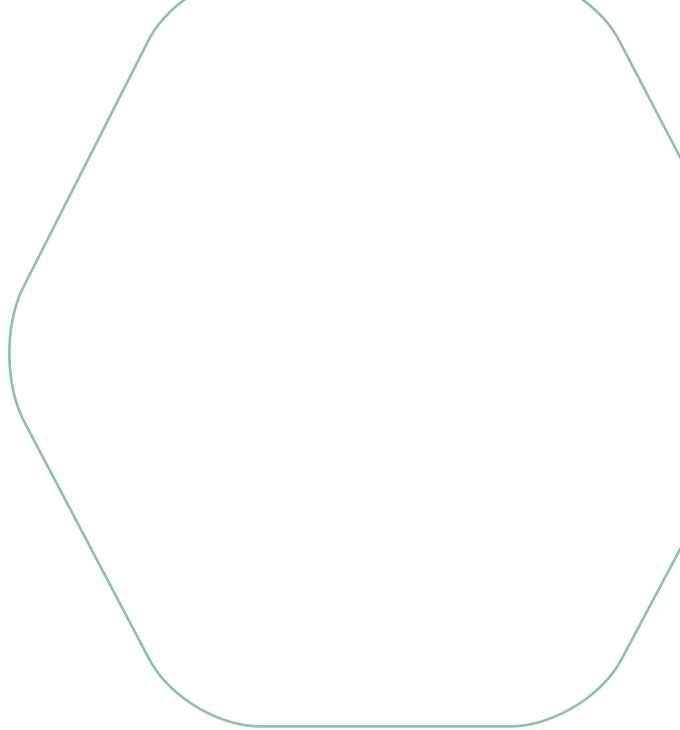
Esses projetos têm gerado grandes impactos e podem ser vistos como pilotos, pois fornecem amostras, destacam inovações e trazem soluções. “Quando avaliamos o que dá certo, pode acabar se transformando em política pública, e, quando isso acontece, o alcance acaba sendo muito maior. Já temos resultados bem animadores”, diz o presidente da FEAC.

O objetivo da FEAC é fazer com que a pessoa que esteja em vulnerabilidade saia de vez dessa condição. “Para isso, o território tem que ser empoderado, as pessoas têm que participar da política pública. E, além disso, atuamos para potencializar as OSCs para atrair cada vez mais as empresas e o voluntariado”, afirma Renato.

Alguns exemplos de projetos da FEAC que ajudam a gerar impactos na



sociedade e fazem a diferença na vida de muitas pessoas podem ser conferidos nas próximas páginas. São projetos que ilustram muito bem uma frase dita pelo presidente da FEAC, Renato Nahas Batista: “Nosso papel é articular diferentes atores da sociedade para melhorar o mundo. E, apesar de nossa missão estar concentrada em atuar em Campinas, o que queremos com esses projetos é servir de inspiração para o Brasil todo”.





empreende campinas

O que faz?

O Empreende Campinas ajuda empreendedores a reconhecer seus potenciais. O programa apoia nano, micro e pequenos empreendedores de áreas vulneráveis de Campinas, buscando contribuir para o desenvolvimento do negócio e, consequentemente, com a redução da pobreza.

O despertar da potencialidade e empreendedorismo

“Todo mundo nasce empreendedor. Alguns têm a chance de libertar esse potencial. Outros nunca vão ter a chance ou nunca souberam que tinham essa capacidade.”

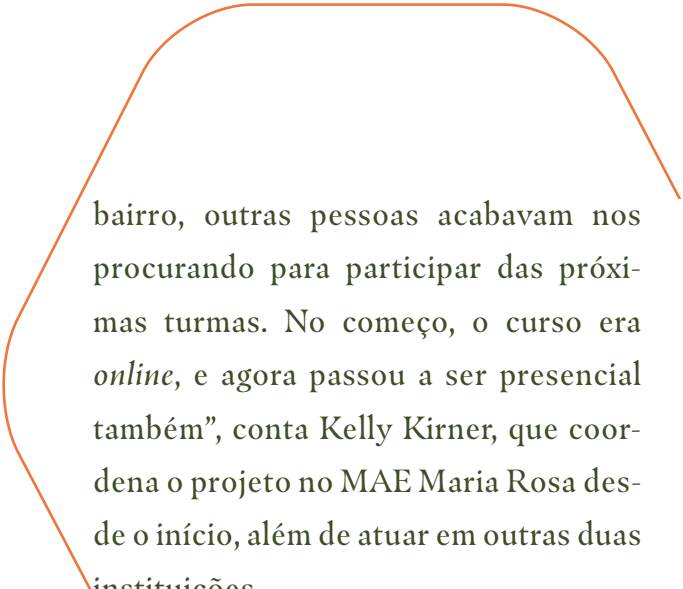
Esta frase, dita por Muhammad Yunus, ganhador do Prêmio Nobel da Paz em 2006, pai do microcrédito e dos negócios

sociais, pode definir parte da importância do programa Tempo de Empreender, que atualmente se chama Empreende Campinas, implantado pela FEAC, em caráter emergencial, nas regiões mais vulneráveis do município, logo no início da pandemia de Covid-19, em 2020.

Para se ter uma ideia do desafio enfrentado por muitas famílias, só no primeiro ano de pandemia, 3,3 milhões de pessoas perderam o emprego, segundo pesquisa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

O primeiro objetivo do projeto era fazer as pessoas se reconhecerem como empreendedoras, buscando conhecer suas potencialidades. “Percebemos que, a partir da primeira turma formada num





bairro, outras pessoas acabavam nos procurando para participar das próximas turmas. No começo, o curso era *online*, e agora passou a ser presencial também”, conta Kelly Kirner, que coordena o projeto no MAE Maria Rosa desde o início, além de atuar em outras duas instituições.

O projeto visa apoiar nano, micro e pequenos empreendedores e empreendedoras de áreas vulneráveis de Campinas, buscando contribuir para o desenvolvimento do negócio e a geração de renda e, conseqüentemente, para a redução da pobreza.

O Tempo de Empreender, hoje Empreende Campinas, começou em três localidades diferentes: MAE Maria Rosa, no Jardim Campineiro; Há esperança, no Parque Oziel; e projeto Filhos, no Jardim Novo Flamboyant. Depois se expandiu

para a Associação Cornélia, o Centro Comunitário Santa Lúcia e o Progen. “Mas fazemos cursos onde tiver demanda de empreendedor, independentemente do local”, conta Kelly.

O projeto está estruturado em duas frentes de atuação: cursos de capacitação para desenvolvimento do negócio e acesso facilitado ao microcrédito, a primeira contribuindo para o fortalecimento e a ampliação de habilidades e competências empreendedoras para o mundo dos negócios, e a segunda como forma de superar barreiras financeiras para a consolidação e o crescimento do empreendimento. Ambas buscam apoiar o empreendedor ou empreendedora a alcançar transformações sociais e econômicas sustentáveis, com melhoria e superação da situação de vulnerabilidade social.



Estímulo ao empreendedorismo feminino

Desde que o projeto surgiu, as mulheres constituem 80% dos participantes. Apesar da presença maciça, elas representavam 60% dos inscritos para o microcrédito. E, dentre os que conseguiam acessar o empréstimo, a proporção de mulheres caía ainda mais: apenas 50%.

Outra parte importante constatada no Empreende Campinas é que eles estão criando um ambiente empreendedor em muitos bairros. “Fazer o curso é muito importante, e quem o faz relata isso. Percebemos que, com nova visão de negócio, nossos alunos começaram a formar redes de apoio desses empreendedores no bairro. Eles começaram a organizar feiras e já criaram um coletivo de empreendedores, e esse potencial tem se multiplicado em vários locais”, diz Kelly.

O renascer de uma empreendedora

Logo no começo da pandemia de Covid-19, Vanessa Ferreira Lima Sigalla e o marido ficaram sem emprego e sem renda. O casal começou a buscar alternativas para conseguir suprir as necessidades básicas da família, que passavam por gastos com alimentação, moradia, saúde, água e luz, dentre outras demandas. A princípio, começaram a fazer pães para vender na vizinhança, depois resolveram comercializar bandejas de ovos na rua. “Mas a gasolina e os ovos ficaram muito caros, e tivemos que parar”, lembra Vanessa.

Diante desse cenário tão desafiador, o marido de Vanessa passou a vender balas no semáforo. E ela seguia buscando outra alternativa para que a família pudesse seguir em frente e pagar as contas, que começavam a se acumular. “Foram



meses muito difíceis, desesperadores. Nunca havíamos passado por tantas privações”, lembra.

Foi nessa busca que Vanessa conheceu o projeto Tempo de Empreender, da Fundação FEAC, que hoje se chama Empreende Campinas. “Boa parte das pessoas precisam se enxergar como empreendedoras. Vanessa foi contando sobre diversos dotes culinários durante nossas reuniões, e nisso já havia um potencial”, destaca Kelly. Vanessa completa: “Eu já vendia muitas coisas, mas não me reconhecia como uma empreendedora, foi um despertar para mim”.

Juntas, elas perceberam que Vanessa sabia fazer um cachorro-quente que era sucesso não só com a família, mas também com os amigos e vizinhos. “Foi desse olhar apurado que nasceu o Dog da Vanessa”, conta a empreendedora.

Vanessa lembra que as orientações, conversas e apoio de Kelly, o curso *online* da FEAC e o acompanhamento por seis meses com um mentor a encorajaram a seguir em frente e fazer o negócio nascer e crescer. “Primeiro me dei conta de que eu era uma empreendedora, depois aprendi a fazer um plano de negócios que mudou meu jeito de enxergar a vida. O curso oferecido pelo projeto me fez aprender a importância do controle financeiro, do planejamento, do endividamento responsável e do compromisso pessoal que todo empreendedor deve assumir. Os ensinamentos que vi no curso vão seguir comigo para o resto da vida”, conta Vanessa.

Em pouco tempo de funcionamento, o Dog da Vanessa foi ganhando fama na região. No começo era uma barraquinha improvisada, montada na frente de sua casa, depois passou a funcionar em ou-



tro local. Com o aumento nas vendas e o negócio crescendo, o marido de Vanessa passou a ajudá-la e deixou de vender balas no semáforo. Atualmente, o casal já conta com dois funcionários. “A primeira ajuda financeira para construir nosso sonho veio do empréstimo de 600 reais de duas amigas que acreditaram que daria certo. Eu nunca imaginei que o Hot Dog seria nosso sustento. Hoje eu vejo o quanto o curso despertou meu olhar empreendedor. Passei a acreditar na minha capacidade e, com as orientações corretas, me desenvolvi muito”, diz.

Vanessa revela que o seu cachorro-quente tem segredos que ajudam a ganhar fama na região, e guarda esses segredos a sete chaves. O Dog da Vanessa nasceu em 16 de junho de 2021 e, em 16 de abril de 2022, foi reinaugurado em um novo espaço.

Kelly também destaca que o fato de Vanessa e muitas outras pessoas que passaram e estão passando pelo curso se enxergarem como empreendedoras tem motivado o surgimento de novos caminhos. E esses recomeços têm servido de inspiração, assim como no poema de Carlos Drummond de Andrade: *“Não importa onde você parou... Em que momento da vida você se cansou... O que importa é que sempre é possível e necessário recomeçar”*.









agricultura urbana

O que faz?

Idealizado pela FEAC em parceria com o negócio de impacto Pé de Feijão, o projeto promove o cultivo agrícola em dois territórios vulneráveis de Campinas: no bairro São Judas e na comunidade Menino Chorão, no Campo Belo, por meio de técnicas de agricultura urbana.

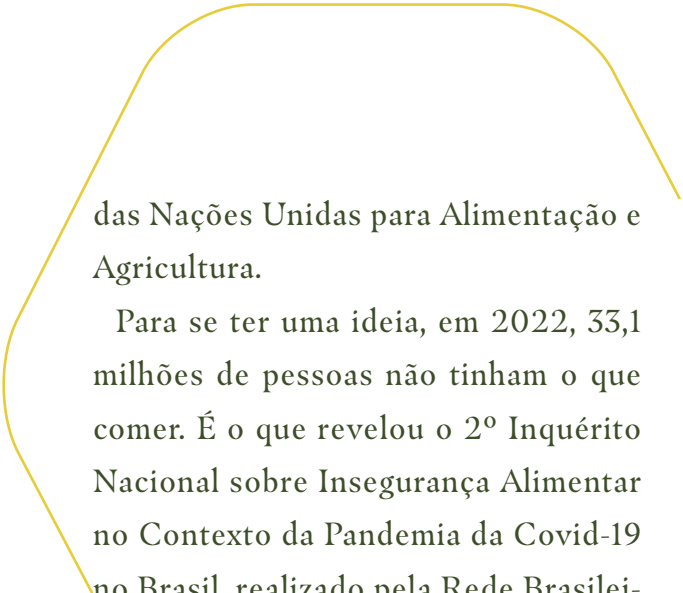
Semeando novos olhares na comunidade

No livro *A vida secreta das árvores*, o autor Peter Wohlleben faz alguns questionamentos ao leitor: “Por que as árvores são seres tão sociais? Por que compartilham seus nutrientes com outras da mesma espécie e, com isso, ajudam suas concorrentes? Os motivos são os

mesmos que movem as sociedades humanas: trabalhando juntas elas são mais fortes”. Esse olhar potente e inspirador do autor pode ser visto no projeto Agricultura Urbana, idealizado pela Fundação FEAC em parceria com o Pé de Feijão, que, desde agosto de 2021, tem implantado hortas comunitárias nas regiões vulneráveis de Campinas.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), com a chegada da pandemia de Covid-19, a fome aumentou no mundo todo; em 2020, 30% da população mundial não tinha acesso a uma alimentação adequada. Outro dado alarmante é que o Brasil voltou a fazer parte do Mapa da Fome, segundo levantamento da FAO, a Organização



A yellow line starts from the top left, curves around the top, and then descends towards the right side of the page.

das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura.

Para se ter uma ideia, em 2022, 33,1 milhões de pessoas não tinham o que comer. É o que revelou o 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, realizado pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN). A pesquisa mostrou que 125,2 milhões de brasileiros vivem com algum grau de insegurança alimentar, número que corresponde a mais da metade (58,7%) da população do país. Na comparação com 2020, a insegurança alimentar aumentou em 7,2%. Já em relação a 2018, o avanço chega a 60%.

Outros dados divulgados pela FAO, um pouco mais animadores, apontam que, ao incentivar as pessoas a produ-

zir seu próprio alimento ou obtê-lo em hortas comunitárias, a agricultura praticada nas cidades é capaz de reduzir a pobreza e a insegurança alimentar, além de melhorar a saúde dos moradores e preservar o ambiente.

A ideia do projeto Agricultura Urbana veio justamente da necessidade de promover segurança alimentar para as famílias mais vulneráveis de Campinas, devido, sobretudo, ao impacto socioeconômico da pandemia de Covid-19.

As hortas urbanas já foram implantadas no bairro São Judas, na região do Campo Grande, e na comunidade Menino Chorão, no Campo Belo. As duas comunidades colocaram a mão na massa e, somando os dois territórios, 130 m² de horta foram implantados, com mais de 1.600 mudas de 70 variedades de espécies cultivadas.

Pé de Feijão

O Pé de Feijão, parceiro da FEAC no projeto Agricultura Urbana no município, nasceu em 2014, com o propósito de transformar a relação das pessoas com a comida, promovendo a reconexão com os alimentos por meio de hortas urbanas.

A agricultura urbana é uma tendência global para a erradicação da pobreza e o combate à fome. Nesse contexto, buscam-se diferentes estratégias para promover a segurança alimentar em regiões de vulnerabilidade social. Foi nesse contexto desafiador que começaram a ser plantadas as primeiras sementes do Agricultura Urbana.

A bióloga e cofundadora do Pé de Feijão, Luísa Haddad, conta que, na primeira fase, o projeto focou em estimular o plantio em casa, para sensibilizar a comunidade. “Os grupos participaram de

oficinas quinzenais sobre temas como horta doméstica, compostagem doméstica, chás medicinais e aproveitamento integral dos alimentos”, conta Luísa.

Já na segunda fase, o projeto expandiu a ação para a implantação de hortas comunitárias, focando no trabalho coletivo. “A equipe ensinou todas as etapas de uma produção agrícola orgânica e agroecológica, sem o uso de agrotóxicos. Além disso, levamos o processo de irrigação, o que facilita muito a continuidade do plantio. Com isso, o grupo aprendeu não só a usar o alimento *in natura*, quanto a fazer o beneficiamento dos produtos. “Elas têm feito aproveitamento integral do que colhem. Dentre os preparos, estão saindo alimentos que aproveitam partes da beterraba que eram descartadas, como folhas e talos, pão de mandioca e batata-doce, patês e



muitas outras receitas que, muitas vezes, eles nem imaginavam que seria possível”, conta Luísa.

Agora, o objetivo é que esses grupos sejam multiplicadores desses saberes. “Queremos, cada vez mais, fortalecer o conhecimento técnico, para que essas pessoas sejam referência e se tornem multiplicadoras”, destaca a bióloga.

Sobre as comunidades

Na comunidade São Judas, o projeto Agricultura Urbana atua junto ao grupo de mulheres Bordadeiras Fazendo Arte, que já existia e estava mobilizado para causas ambientais. “Essa mobilização preexistente da comunidade, que acontece em parceria com o poder público por meio do CRAS, é um fator positivo para o sucesso e para a perenidade de projetos de agricultura urbana, pois já se inicia com uma organização

local parceira que pode dar continuidade às ações”, destaca Luísa.

Na comunidade Menino Chorão, um grupo de mulheres já vinha fazendo uma agrofloresta para o próprio sustento com o apoio do coletivo Pertim. A liderança do grupo demonstrou interesse em que o projeto da FEAC apoiasse com mais conhecimento de produção e cozinha o grupo de mulheres à frente do cultivo.

Com a parceria das três organizações (Pertim, Pé de Feijão e FEAC), o projeto apoia oficinas de horta doméstica, compostagem, alimentação e cozinha, além da expansão da horta já existente da comunidade, prevendo tanto a implantação e manutenção de novos canteiros como a instalação de um sistema de irrigação, que é fundamental para que a comunidade tenha alimentos o ano todo, e não apenas na época de chuvas.



Fortalecendo a vizinhança

Se depender do ânimo do grupo que tem participado do projeto, ainda haverá muitas colheitas, pois as pessoas passaram a cultivar não só chás, ervas medicinais, verduras e legumes, como amizades. “Todo bairro deveria ter uma horta comunitária como a nossa. Desde que começamos a plantar, nos aproximamos de vizinhos que a gente nem conhecia direito, e as crianças também gostam de participar. Todo mundo está ficando mais próximo da natureza, entendendo os ciclos”, comenta Maria Marinho, de 73 anos, que faz parte do projeto junto com as mulheres do grupo Bordadeiras Fazendo Arte, do Jardim São Judas. Ela conta que até juntaram o conhecimento do plantio ao bordado e produziram peças inspiradas na plantação.

“Eu já mexi com terra, nasci em Minas, trabalhei muito na roça, mas aprendi muito nesse projeto da FEAC com o Pé de Feijão. Nós cuidamos da horta comunitária e temos também um pequeno canteiro em casa, com chás, folhas e temperos”, diz Maria Marinho.

Maria Bonfim, de 53 anos, também participa do projeto e conta que, quando era pequena, morou na roça e trabalhou com colheita de café, feijão e arroz. “Mas aqui voltei a plantar de forma diferente, aprendendo sobre adubação, tempo da colheita, tempo de plantar cada coisa. Tem sido maravilhoso mexer com a terra de novo”, finaliza.

O projeto Agricultura Urbana tem trazido para cada participante muito da essência da canção “O cio da terra”, cantada por Chico Buarque e Milton Nascimento. Assim como diz a música, cada



um dos praticantes tem tido a oportunidade de: “Afagar a terra / Conhecer os desejos da terra / Cio da terra, a propícia estação / De fecundar o chão”. Nessa dinâmica, homem e natureza se integram, um ajuda o outro a crescer, seja embaixo da terra, onde suas raízes se encontram, seja na superfície, onde se conectam e se alimentam: um faz sombra para o outro, as folhas que caem adubam a terra, e estão todos sempre em “boa companhia”, vivendo em comunidade.

Arquivo Pê de Feijão



Arquivo Pê de Feijão





Arquivo Pê de Feijão



Arquivo Pê de Feijão



Arquivo Pê de Feijão



Arquivo Pê de Feijão







O que faz?

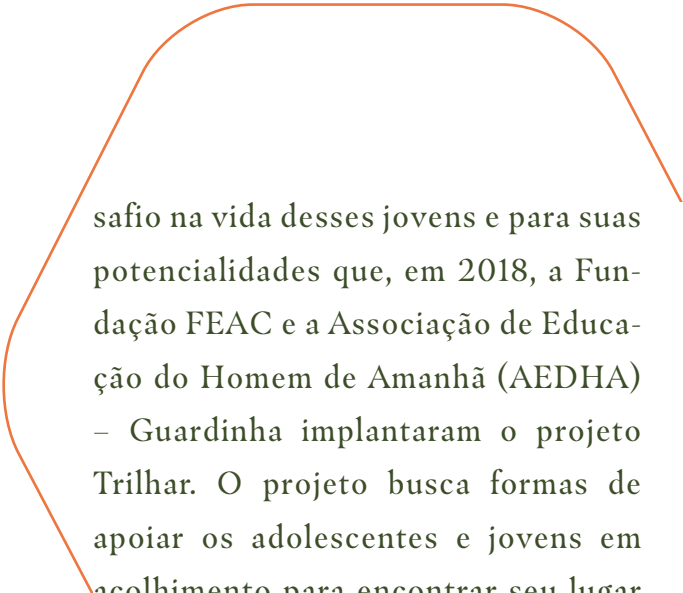
Ao completar 18 anos, adolescentes e jovens que moram no serviço de acolhimento institucional do município devem estar preparados para sair do abrigo e conquistar sua autonomia. Pensando nesse público e em seus desafios, a FEAC e a Associação de Educação do Homem de Amanhã (AEDHA) – Guardinha criaram o projeto Trilhar, que visa contribuir para o desenvolvimento de habilidades e competências, além de estabelecer referências positivas que ajudem no desenvolvimento pessoal e profissional, buscando criar autonomia e independência, minimizando os impactos desse momento de ruptura do acolhimento.

Os desafios da travessia

O que acontece com um jovem que viveu em acolhimento grande parte da sua vida e, aos 18 anos, precisa sair da instituição? Onde ele vai morar? Trabalhar? Estudar? Como vai se manter sozinho? Como preparar esse jovem para seguir em frente, sendo protagonista de sua história? Se a pergunta fosse feita ao educador e coordenador da equipe de redação do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), Antônio Carlos Gomes da Costa (1949-2011), ele apontaria um caminho: “O fundamental é acreditar sempre no potencial criador e na força transformadora dos jovens”.

Foi justamente olhando para esse de-





safio na vida desses jovens e para suas potencialidades que, em 2018, a Fundação FEAC e a Associação de Educação do Homem de Amanhã (AEDHA) – Guardinha implantaram o projeto Trilhar. O projeto busca formas de apoiar os adolescentes e jovens em acolhimento para encontrar seu lugar no mundo, conquistando uma vida autônoma e inserida na comunidade, após saírem do acolhimento. Dentre os eixos que definem o projeto, cuja duração é de um ano e meio, estão: trabalho, moradia, cidadania e uso consciente do dinheiro.

“Parte desses jovens foram acolhidos ainda em seus primeiros anos de vida, cresceram e se tornaram adolescentes dentro do acolhimento. Eles não voltaram para a família biológica e nem tiveram a chance de ser adotados. De um

modo geral, eles não tiveram nem experiências, nem referências importantes que são vivenciadas dentro de uma família, como aprender a fazer compras, cuidar das finanças, conhecer os diferentes espaços na cidade, os tipos de lazer que o município oferece. Até mesmo a convivência social acaba sendo mais restrita, pois o contato deles é, majoritariamente, com as crianças e os jovens que moram com eles”, conta o psicólogo e coordenador de projetos sociais da Guardinha, Fábio Barbieri.

A psicóloga e técnica do projeto Trilhar, Natália Ferrari Boldrini, destaca a importância de esses jovens serem inseridos na sociedade de forma autônoma. “É preciso prepará-los para saber como vão se manter, onde vão morar, no que vão trabalhar, como vão administrar o dinheiro e suas vidas, pois até



então eles viviam dentro de uma instituição. Também orientamos esses jovens a ter uma poupança para ser usada em caso de emergência”, conta.

Existem muitos outros obstáculos a serem superados por esses jovens. Dentre os desafios enfrentados, e que acabam afastando alguns jovens do projeto Trilhar, estão questões como a evasão do serviço de acolhimento, o uso de substâncias psicoativas, o envolvimento com tráfico e o déficit de aprendizagem. “Mas também temos muitos casos de jovens que estão conquistando sua autonomia e seguem seu projeto de vida mesmo diante de tantos desafios que enfrentam”, conta Fábio.

Vale destacar ainda que a maior parte da rede de apoio deles está entre os profissionais do serviço de acolhimento. “Para eles é muito difícil enca-

rar que, aos 18 anos, terão de sair do acolhimento, pois eles acabam entendendo a independência como se estivessem sozinhos no mundo”, pontua a psicóloga.

Segundo dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Assistência Social de Campinas, em 2021, houve 475 acolhimentos, sendo 145 adolescentes com idade entre 12 a 17 anos e 11 meses.

Outros modelos de transição de acolhimento em Campinas são as repúblicas, serviços previstos no Sistema Único de Assistência Social (SUAS), que oferecem acolhimento provisório para jovens que têm mais de 18 anos e ainda não conquistaram sua autonomia. Eles podem ficar nelas até os 21 anos. “Em Campinas, porém, há apenas duas, uma masculina e uma feminina, com seis vagas cada”, lembra Fábio.



O papel dos mentores

Os jovens que participam do Trilhar contam com o apoio de mentores que os ajudam nos eixos do projeto: trabalho, moradia, cidadania e uso consciente do dinheiro. A cada três meses, eles contam com três mentores, que trabalham diferentes questões. Os mentores compartilham suas vivências profissionais e sociais, de acordo com o eixo que está sendo trabalhado no ciclo. A mentoria é realizada em grupo.

Os mentores acabam sendo referências positivas, que aumentam significativamente as perspectivas de uma melhor transição para a vida autônoma dos adolescentes. “O mentor é alguém a quem o jovem pode vir a recorrer em um período de tantas mudanças. Um ponto importante é que o acolhimento nunca vai estimular o caráter

permanente, por isso é tão importante estimular o protagonismo dos jovens de forma que eles possam conduzir suas próprias vidas”, destaca Renato Franklin, líder do Programa Acolhimento Afetivo da FEAC.

O projeto também propõe uma série de atividades que auxiliam e criam oportunidades práticas de utilização de transporte coletivo, acesso a serviços públicos e atividades de cultura e lazer, aquisição de produtos e serviços e auto-organização.

Preparando para o protagonismo

Os resultados práticos já podem ser vistos em muitos jovens que frequentam o Trilhar. Mariana (nome fictício), de 18 anos, já está trabalhando e atualmente mora em uma república feminina. Ela conta que tem aprendido muito



no Trilhar, principalmente a pensar na vida financeira: “É muito importante aprender a administrar seus gastos e ter uma reserva de dinheiro para qualquer emergência. Temos que saber diferenciar bem o que são gastos essenciais e gastos de que podemos abrir mão. Não dá para gastar mais do que se ganha”. Ela conta que pretende fazer faculdade de Educação Física. “Sonho em ser professora, e participar do Trilhar tem me ajudado até a ver quais passos preciso seguir para conseguir realizar esse sonho”, diz.

João (nome fictício), de 16 anos, conta que o projeto Trilhar está sendo muito importante em sua vida. “Eu entendi a importância de saber o quanto se ganha e o quanto se pode gastar. Também quero guardar dinheiro para ter uma estrutura quando sair do abri-

go. Estou aprendendo a economizar e até como abrir uma conta num banco”, diz. Seus sonhos estão relacionados a cuidar de vidas e salvá-las. “Quero ser médico ou bombeiro, mas sei que, para isso, terei que estudar bastante. Quero mostrar para as pessoas que eu consegui vencer os desafios, que estou trabalhando. Por aqui, aprendo a me planejar, pensar em como conseguir pagar aluguel, comprar comida e ser alguém na vida”, diz.

Para esses e muitos outros jovens que têm frequentado o projeto Trilhar, essa caminhada já está sendo pautada no protagonismo. Como disse o educador Paulo Freire: “Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”.





[illegible]

1980年 产量 146.00
 1981年 产量 110.00 / 成本 146.00
 1982年 产量 146.00

1. *Explain the*
 2. *importance of*
 3. *the role of*
 4. *the role of*

0.5 (10%)
 1.0 (20%)
 1.5 (30%)
 2.0 (40%)
 2.5 (50%)
 3.0 (60%)
 3.5 (70%)
 4.0 (80%)
 4.5 (90%)
 5.0 (100%)

1. *Phragmites*
 2. *Scirpus*
 3. *Spartina*
 4. *Distichlis*
 5. *Eleocharis*
 6. *Cyperus*
 7. *Cladophora*
 8. *Chara*
 9. *Alisma*
 10. *Sagittaria*
 11. *Najas*
 12. *Valoniopsis*
 13. *Utricularia*
 14. *Utricularia*
 15. *Utricularia*
 16. *Utricularia*
 17. *Utricularia*
 18. *Utricularia*
 19. *Utricularia*
 20. *Utricularia*
 21. *Utricularia*
 22. *Utricularia*
 23. *Utricularia*
 24. *Utricularia*
 25. *Utricularia*
 26. *Utricularia*
 27. *Utricularia*
 28. *Utricularia*
 29. *Utricularia*
 30. *Utricularia*
 31. *Utricularia*
 32. *Utricularia*
 33. *Utricularia*
 34. *Utricularia*
 35. *Utricularia*
 36. *Utricularia*
 37. *Utricularia*
 38. *Utricularia*
 39. *Utricularia*
 40. *Utricularia*
 41. *Utricularia*
 42. *Utricularia*
 43. *Utricularia*
 44. *Utricularia*
 45. *Utricularia*
 46. *Utricularia*
 47. *Utricularia*
 48. *Utricularia*
 49. *Utricularia*
 50. *Utricularia*
 51. *Utricularia*
 52. *Utricularia*
 53. *Utricularia*
 54. *Utricularia*
 55. *Utricularia*
 56. *Utricularia*
 57. *Utricularia*
 58. *Utricularia*
 59. *Utricularia*
 60. *Utricularia*
 61. *Utricularia*
 62. *Utricularia*
 63. *Utricularia*
 64. *Utricularia*
 65. *Utricularia*
 66. *Utricularia*
 67. *Utricularia*
 68. *Utricularia*
 69. *Utricularia*
 70. *Utricularia*
 71. *Utricularia*
 72. *Utricularia*
 73. *Utricularia*
 74. *Utricularia*
 75. *Utricularia*
 76. *Utricularia*
 77. *Utricularia*
 78. *Utricularia*
 79. *Utricularia*
 80. *Utricularia*
 81. *Utricularia*
 82. *Utricularia*
 83. *Utricularia*
 84. *Utricularia*
 85. *Utricularia*
 86. *Utricularia*
 87. *Utricularia*
 88. *Utricularia*
 89. *Utricularia*
 90. *Utricularia*
 91. *Utricularia*
 92. *Utricularia*
 93. *Utricularia*
 94. *Utricularia*
 95. *Utricularia*
 96. *Utricularia*
 97. *Utricularia*
 98. *Utricularia*
 99. *Utricularia*
 100. *Utricularia*



brinca comigo

O que faz?

O projeto Brinca Comigo nasceu em 2022 e tem o objetivo de promover reformas físicas em áreas de convivência da Casa da Gestante, para que se tornem mais amplas, lúdicas e acolhedoras. O projeto também promove oficinas para que as mulheres grávidas aprendam a fazer ecobrinquedos que possam ser usados com seus filhos.

O nascer de uma moradia temporária

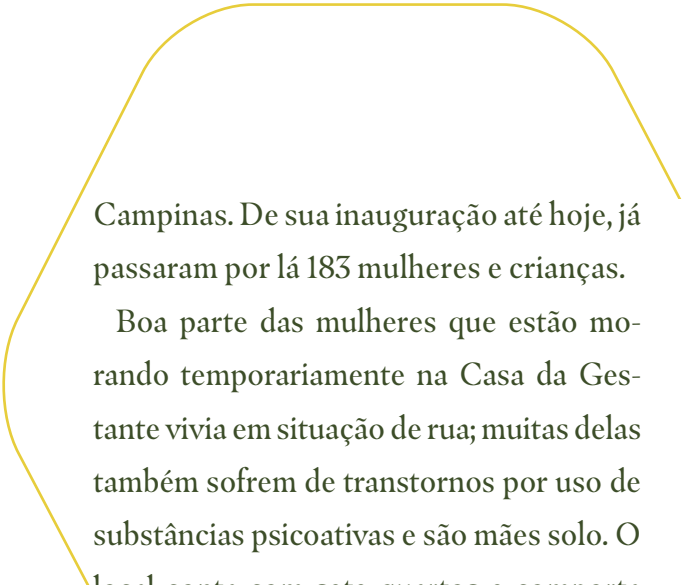
Se olharmos ao redor, a cena de uma mulher grávida morando nas ruas não é tão incomum em Campinas. Basta ter um olhar mais atento nos semáforos, em colchões espalhados nos cantos das calça-

das, em viadutos e em outros lugares pela cidade para identificar algumas gestantes.

No Brasil, pelo menos 26.447 pessoas foram morar nas ruas em 2022. Essa população saltou de 158.191, em dezembro de 2021, para 184.638, em maio de 2022, segundo dados retirados do CadÚnico, banco de dados do governo federal, que dá acesso aos benefícios sociais. A cada dia, mais mulheres e crianças passam a fazer parte desses números.

Desde dezembro de 2015, Campinas conta com a Casa da Gestante, uma moradia temporária que recebe mulheres grávidas e seus outros filhos, de até 8 anos, que vivem em vulnerabilidade social. O local nasceu de uma parceria entre o Instituto Padre Haroldo e a Secretaria de Saúde de





Campinas. De sua inauguração até hoje, já passaram por lá 183 mulheres e crianças.

Boa parte das mulheres que estão morando temporariamente na Casa da Gestante vivia em situação de rua; muitas delas também sofrem de transtornos por uso de substâncias psicoativas e são mães solo. O local conta com sete quartos e comporta até 20 pessoas, entre mulheres e crianças, que ficam até um ano e meio no local.

“As mulheres que chegam na Casa da Gestante, encaminhadas por serviços de saúde do município, passam a ser acompanhadas integralmente nas questões relacionadas a saúde, como consultas, exames, pré-natal. Após o nascimento, o recém-nascido também tem garantidos todos os cuidados de saúde, como as consultas de puericultura e vacinas, por exemplo. Os filhos maiores, de até 8 anos, que também são acolhidos, contam com a

garantia de educação e passam a frequentar a escola. A Casa da Gestante funciona também com a rede de apoio dessas mulheres, que, em sua maioria, são mães solo”, conta Luciana Callamari, coordenadora da Casa da Gestante.

O poder da escolha a partir da possibilidade do acolhimento conjunto

Algumas mulheres, por estarem em situação de rua, em extrema vulnerabilidade social, muitas vezes com uso intensivo de substâncias psicoativas, tinham seus filhos retirados já na maternidade. “A partir desses levantamentos, o município, através do Grupo de Trabalho (GT) em maternidades, debruçou-se em alternativas para a diminuição dos casos de acolhimento direto na maternidade e possibilidade de acolhimento conjunto da mãe com o bebê”, relata Luciana.

A coordenadora destaca que, na Casa da Gestante, essas futuras mães conseguem refletir sobre seus desejos e escolhas. “A grande maioria tenta se reestruturar, se reaproximar da família de origem, e consegue cuidar de seus filhos. Construímos conjuntamente em seu Projeto Terapêutico Singular – PTS as metas necessárias, a partir de seu desejo, para que consiga retomar os estudos, voltar ao mercado de trabalho e atingir as condições que julgar necessárias para o seu retorno ao território após o período de permanência no serviço, caso seja essa a sua vontade. Sobre tudo, é importante ressaltar que respeitamos o desejo da mulher, sem julgamentos e senso comum, e sem deixarmos de olhar para as necessidades e o direito das crianças”, reforça a coordenadora.

A Casa da Gestante também trabalha com a redução de danos para as mulheres

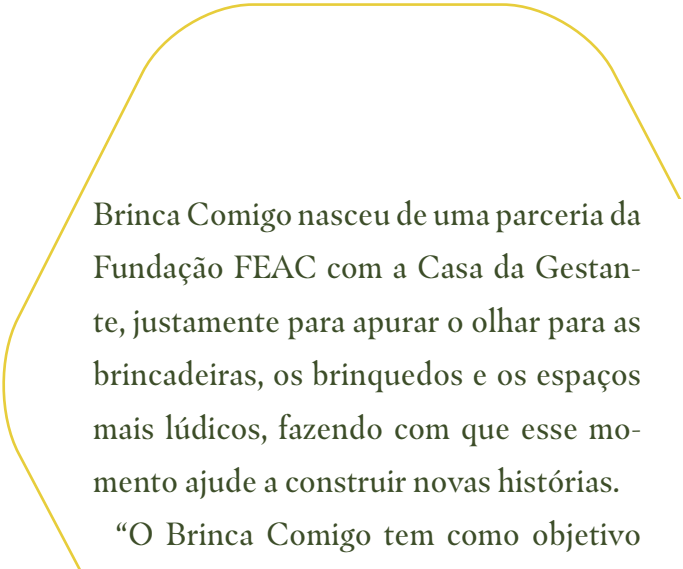
que fazem uso de drogas e álcool. “A maioria das mulheres que chega na Casa da Gestante tem histórias de vida permeadas por todos os tipos de violências e negligências. A passagem pela Casa pode contribuir na transformação de seu projeto de vida”, destaca Luciana.

Brincar é coisa séria!

Mas como transformar um espaço que recebe mulheres grávidas, que já enfrentaram as mais diversas vulnerabilidades sociais, em um local acolhedor e lúdico? Como motivar mulheres que enfrentaram inúmeras privações, inclusive de afeto, a estabelecer vínculo com seus bebês?

Um dos focos da Casa da Gestante é usar atividades lúdicas para fortalecer a relação da mãe com suas crianças, mas muitas dessas mães nunca tiveram a oportunidade de aprender a brincar. O projeto



A yellow line starts at the top left, curves around the top, and then descends towards the right, framing the first paragraph.

Brinca Comigo nasceu de uma parceria da Fundação FEAC com a Casa da Gestante, justamente para apurar o olhar para as brincadeiras, os brinquedos e os espaços mais lúdicos, fazendo com que esse momento ajude a construir novas histórias.

“O Brinca Comigo tem como objetivo transformar parte do espaço físico comum da Casa da Gestante em um local mais amplo, lúdico e acolhedor para as mães e seus filhos”, destaca Renato Franklin, coordenador do programa Acolhimento Afetivo da Fundação FEAC.

Além de dar mais vida e cor ao local, no Brinca Comigo, as mulheres são convidadas a aprender a confeccionar ecobrinquedos, feitos de materiais reciclados. Além disso, elas e as crianças também passam por uma oficina de grafite. “Geralmente, quando a mãe vai embora para recomeçar a vida fora daqui, dividimos com ela e a crian-

ça os brinquedos que temos. Por isso achamos tão importante que elas aprendam a fazer outros brinquedos com os materiais que tiverem disponíveis. Nosso objetivo com a oficina de ecobrinquedos é que elas possam fazer um *kit* para levar quando deixarem a casa”, conta Luciana.

De um modo geral, a maneira que a mãe cuida de um filho é reflexo de como ela foi cuidada. As mulheres que passam pela instituição já vêm de um contexto de violência e negligência, e isso acaba refletindo em vínculos muito frágeis com os filhos. “Elas passam por uma situação de violência transgeracional, desde a infância, então o cuidado mais próximo é algo muito difícil. Acreditamos que a ação de brincar ajuda a construir e restabelecer esses vínculos. Temos casos de mulheres que passaram por aqui e foram privadas de brincar ou tiveram poucas chances



para isso durante a infância. Algumas até relatam que, desde crianças, foram expostas a situações relacionadas ao tráfico de drogas dentro de suas casas, e que o brincar não era uma possibilidade. Esse resgate do brincar se torna importante tanto para essas mulheres quanto para a conexão com o filho”, destaca a coordenadora.

O importante papel da Casa da Gestante

Geralmente, as mulheres acolhidas na Casa da Gestante são encaminhadas por outros serviços de saúde, como os Centros de Atenção Psicossocial (Caps), os Consultórios na Rua (serviço do Sistema Único de Saúde voltado para pessoas em situação de rua), as maternidades do município e as UBS (Unidade Básica de Saúde).

Vale destacar, ainda, que a maioria das mulheres que chega à Casa da Gestante já

passou por abrigos na infância, pelo sistema carcerário, por comunidades terapêuticas ou viveu em situação de rua por muito tempo. O local oferece atendimento psicossocial personalizado para cada uma, com a ajuda de uma equipe formada por cuidadores, psicólogos, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais, nutricionistas, motoristas, cozinheiros, entre outros profissionais.

A Casa da Gestante, que acolhe quem está gerando novas vidas, pode, sim, funcionar como o texto poético de Paulo Freire: “É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo”.









qualifica: da cabeça aos pés

O que faz?

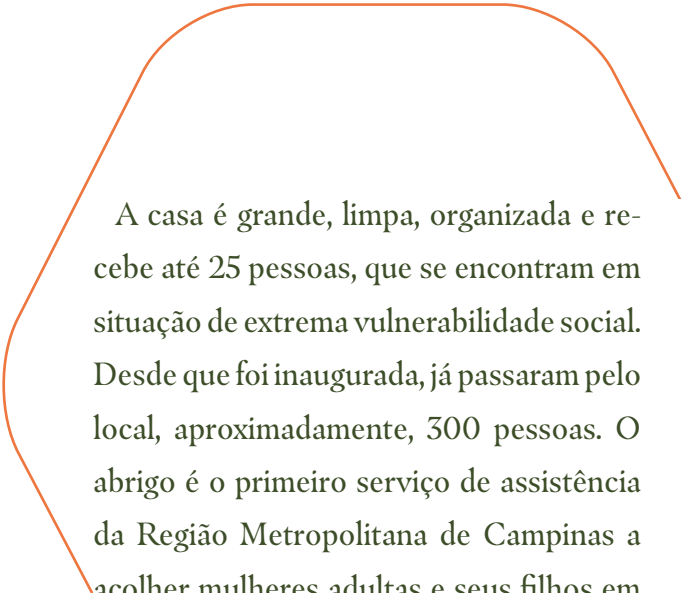
O projeto Qualifica: da cabeça aos pés busca oferecer a oportunidade de uma possível geração de renda por meio do aprendizado dos ofícios de manicure e pedicure. Mas o projeto vai muito além, pois conta com apoio psicossocial integral para que as mulheres possam se sentir seguras e confiantes para empreender ou mesmo buscar por uma oportunidade dentro de espaços de geração de renda. O projeto pretende criar um espaço de economia criativa, onde essas mulheres possam atuar e mostrar suas potencialidades.

Uma breve caminhada pela Casa de Apoio Santa Clara

A porta se abre devagar e, por ela, entra

uma mulher de cabeça baixa, carregando algumas sacolas com seus pertences. Ela segue caminhando, em passos lentos, de mãos dadas com seus três pequenos filhos. A cena descrita acima é real, e essas quatro pessoas são os novos moradores temporários da Associação Casa de Apoio Santa Clara, um abrigo feminino mantido pela Cáritas Arquidiocesana de Campinas, em funcionamento desde 2014. O espaço acolhe mulheres adultas, com ou sem filhos, em situação de rua ou de vulnerabilidade social com risco iminente de situação de rua. Para muitas, essa chegada ao local carrega a esperança de um novo caminhar, como bem diz o poeta Mário Quintana: “São os passos que fazem o caminho”.





A casa é grande, limpa, organizada e recebe até 25 pessoas, que se encontram em situação de extrema vulnerabilidade social. Desde que foi inaugurada, já passaram pelo local, aproximadamente, 300 pessoas. O abrigo é o primeiro serviço de assistência da Região Metropolitana de Campinas a acolher mulheres adultas e seus filhos em situação de rua ou vulnerabilidade social.

A coordenadora e assistente social Angélica Cristina Sartori conta que, nos dois últimos anos, o local tem recebido também mulheres com famílias que perderam seus empregos, suas casas e não têm mais condições de se sustentar. “Às vezes, as mulheres e as crianças vão para o abrigo feminino e o marido vai para o abrigo masculino, até conseguirem se organizar novamente”, explica Angélica.

A informação da coordenadora coincide com um dado preocupante divulgado pela

Organização das Nações Unidas (ONU). Em 2022, o Brasil voltou ao Mapa da Fome, que tinha deixado em 2014. No país, aproximadamente 60 milhões de pessoas não têm certeza de quando vão fazer a próxima refeição. O país está acima da média mundial, e essas pessoas vivem sem emprego e sem perspectiva de como seguir em frente diante de um cenário tão desafiador.

Muito além da invisibilidade

Mas a fome não é o único agravante ou vulnerabilidade social que essas mulheres enfrentam. Muitas já cresceram em meio a inúmeras privações e garantem que a rua é um lugar muito duro para se viver. As drogas, a falta de oportunidades no mundo do trabalho, a baixa escolaridade, a ausência de uma estrutura familiar e a violência acompanham a história de vida de muitas mulheres que passam pela Casa de



Apoio Santa Clara. “Na maioria das vezes, elas chegam totalmente desestruturadas, sem sonhos, sem projeto de vida, sem esperança. Precisamos fazer elas voltarem a acreditar no próprio potencial e se enxergarem como agentes de mudança. Temos três pilares que norteiam nosso trabalho: transparência, desenvolvimento da autonomia e desenvolvimento do protagonismo”, conta Angélica.

Para que essas mulheres passem a se enxergar novamente como protagonistas de suas histórias, é preciso percorrer um longo caminho. Dentre os passos, estão a recuperação da autoestima, os cuidados com sua saúde física e mental e a manutenção da vontade de querer seguir em frente para construir uma história diferente. Fácil não é!

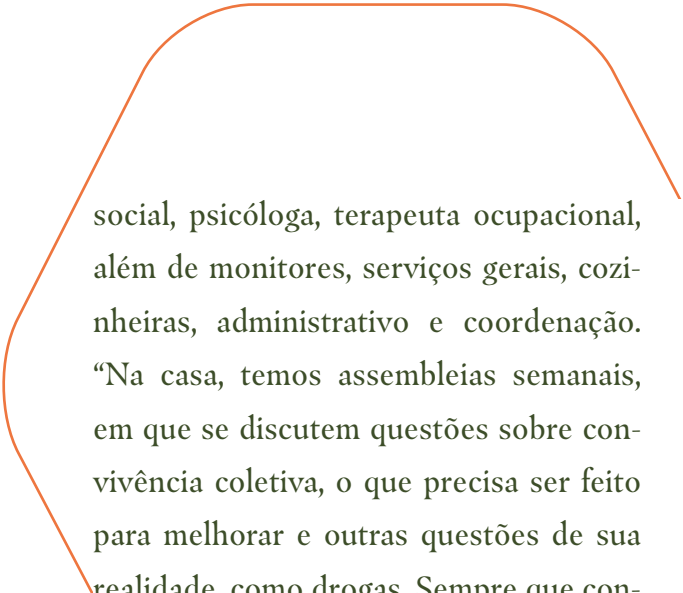
As moradoras têm a liberdade de ir e vir e são responsáveis por seus atos. “A única re-

gra que temos é que não permitimos brigas, drogas e armas. Um dos passos mais importantes, e que faz parte da regra de quem está na casa, é a construção e a responsabilidade por seu PDU (Plano de Desenvolvimento do Usuário)”, pontua Angélica.

As mulheres que ficam na Casa de Apoio Santa Clara participam do PDU (Plano de Desenvolvimento do Usuário). Nele, um projeto de vida é construído individualmente com cada mulher, apresentando, como ponto de partida, o desejo de cada pessoa. “Muitas vezes, elas esbarram em questões de como vão se sustentar, no que podem trabalhar, quem daria emprego a elas, como resolver a falta de documentos. Para reconstruir esse caminho, é preciso fazer novos trajetos com elas e a partir delas”, destaca.

A associação trabalha com uma equipe transdisciplinar, composta por assistente





social, psicóloga, terapeuta ocupacional, além de monitores, serviços gerais, cozinheiras, administrativo e coordenação. “Na casa, temos assembleias semanais, em que se discutem questões sobre convivência coletiva, o que precisa ser feito para melhorar e outras questões de sua realidade, como drogas. Sempre que conseguimos, tentamos direcionar mulheres com filhos para ficar num quarto só com eles, para que fortaleçam os vínculos familiares”, conta.

Qualifica: da cabeça aos pés

Pensando na força dos três pilares da Casa de Apoio Santa Clara – transparência, desenvolvimento da autonomia e desenvolvimento do protagonismo –, nasceu, em parceria com a FEAC, o projeto Qualifica: da cabeça aos pés, que oferece formação de manicures e pedicures para as mulhe-

res acolhidas pela casa e também para outras mulheres em situações de vulnerabilidade acolhidas em outros serviços. Mas o projeto vai muito além de qualificar para um ofício; “da cabeça aos pés” olha também outras necessidades e acolhe e acompanha a saúde mental dessas mulheres por meio do atendimento psicossocial. “Com isso, desejamos contribuir para recuperar a autoestima delas, a autonomia. Também pretendemos capacitá-las para o empreendedorismo e que elas consigam se organizar financeiramente para seguir em frente”, conta Angélica.

Vale destacar que a escuta é algo fundamental dentro da Casa de Apoio Santa Clara, e, para construir o projeto Qualifica: da cabeça aos pés, não foi diferente. “Ouvimos atentamente essas mulheres para saber quais eram as necessidades, os sonhos, os medos, os preconceitos que



elas enfrentam no dia a dia. E foi só depois dessa escuta atenta que elaboramos o projeto”, diz Angélica.

Outro ponto bastante discutido é a dificuldade das mulheres que estão no abrigo em conseguir encontrar oportunidades de emprego tanto no mercado formal quanto no informal. “Na grande maioria dos casos, elas não possuem formação ou capacitação, além de já virem de uma situação de muita desorganização financeira. Por isso, nosso objetivo é ter um espaço fixo para a economia solidária”, destaca Angélica.

Vale destacar que o projeto Qualifica: da cabeça aos pés pretende não só formar, mas também acompanhar o desenvolvimento dessas mulheres após participarem do projeto. “Não adianta só ensinar o ofício; é preciso acompanhar e entender as dificuldades que possam surgir. Acreditamos que o projeto pode-

rá ajudar no recomeço de histórias muito potentes”, diz Angélica.

Em busca de caminhos mais floridos

A coordenadora aponta para um dado que traz esperança: “Pelo menos 80% dessas mulheres que passam pelo local saem de forma autônoma. Algumas conseguem um trabalho, um lugar para morar, se organizam financeiramente. Às vezes, voltam a se aproximar da família e criam uma rede de apoio fora daqui. São grandes conquistas para quem chegou sem muita perspectiva”.

A mulher da história real, que chegou com seus três filhos na Casa de Apoio Santa Clara, mesmo cabisbaixa, deparou na entrada do local com um bonito jardim. Talvez ressignificar a vida dessas mulheres seja como o trecho do poema de Cecília Meirelles: “Aprendi com as primaveras a deixar-me cortar e a voltar sempre inteira”.



Arquivo Casa de Apoio Santa Clara



Arquivo Casa de Apoio Santa Clara



Arquivo Casa de Apoio Santa Clara



Arquivo Casa de Apoto Santa Clara



Carlos Silva



O que faz?

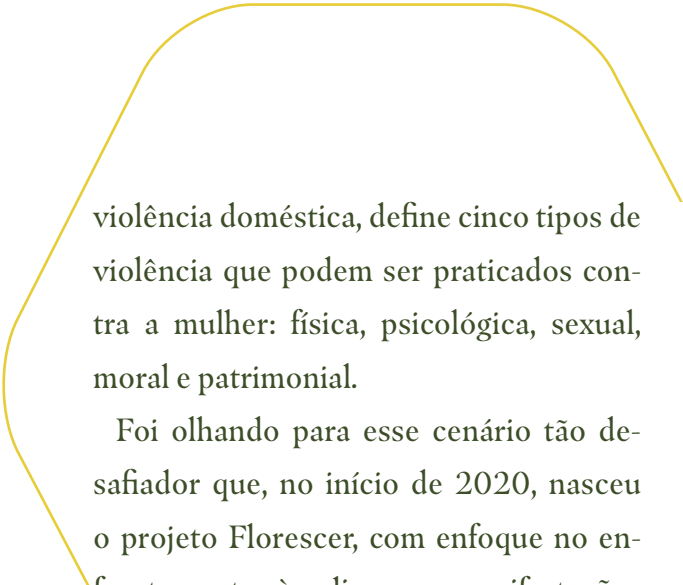
O projeto Florescer é um espaço de escuta em grupo para mulheres em situação de vulnerabilidade social. Nascido de uma parceria do CRAMI e do programa Enfrentamento às Violências, da Fundação FEAC, a iniciativa tem como objetivo que as mulheres atuem como protagonistas de suas vidas e sejam capazes de narrar suas histórias para outras mulheres, a fim de promover a troca de saberes em seus territórios. Em sua segunda edição, o projeto expandiu o trabalho para outras três OSCs (Organização da Sociedade Civil), para que essas mulheres pudessem intercambiar seus conhecimentos, compartilhando experiências e fortalecendo-se mutuamente. Ao final do projeto, haverá

um vídeo que está sendo produzido durante os encontros, apresentando a história e a força dessas mulheres.

Um terreno muito fértil

Você sabia que, no mundo, uma em cada três mulheres sofre algum tipo de violência ao longo da vida? Esses dados são da Organização Mundial da Saúde (OMS). No Brasil, segundo o relatório produzido pela Rede de Observatórios da Segurança, em 2021, a cada cinco horas, uma mulher é vítima de violência, e ao menos um feminicídio é registrado por dia. Vale destacar que a violência contra a mulher vai muito além das agressões físicas. A Lei Maria da Penha, dispositivo legal a favor da punição de agressores em casos de



A yellow line starts at the top left, curves around the top, and then descends towards the text on the left.

violência doméstica, define cinco tipos de violência que podem ser praticados contra a mulher: física, psicológica, sexual, moral e patrimonial.

Foi olhando para esse cenário tão desafiador que, no início de 2020, nasceu o projeto Florescer, com enfoque no enfrentamento às diversas manifestações de violência contra a mulher. O Florescer visa empoderar mulheres, que, por meio da partilha de suas histórias, trocam seus saberes. “O projeto estimula a construção de uma rede de afetos e cuidados, que tem se mostrado uma potente ferramenta para a disseminação de conhecimento sobre as diversas formas de violência e os mecanismos de proteção”, destaca Natália Valente, coordenadora de projetos do programa Enfrentamento às Violências, da Fundação FEAC.

Agora, em sua segunda edição, o Flo-

rescer expandiu o trabalho para outras três OSCs: o Progen, no Jardim Bassoli; a Fundação Gerações, no Parque Valença; e a Casa Santana, no Jardim Florence. Cada OSC recebe o projeto por dois meses. Ao final, ocorre um encontro com 15 integrantes dessas instituições.

Em cada OSC, foram selecionadas cinco mulheres com perfil de liderança para participar do projeto. Além delas, outras três mulheres que estiveram na primeira edição também atuam como mentoras e compartilham suas experiências. “A ideia é trocar os saberes a partir da narrativa dessas mulheres, que são da periferia e enfrentam muitos desafios, mas também carregam muitos aprendizados e sabedorias, que precisam ser relatados. Ouvir a história de outras mulheres ajuda a ter uma clareza da própria história. O objetivo do projeto é que elas



sigam inspirando e fortalecendo outras mulheres de outros coletivos femininos”, conta a psicóloga e coordenadora do projeto, Fabiana Belintani.

Em busca da florada

O projeto foi estruturado em quatro fases e visa trabalhar todos os aspectos que compõem o universo feminino.

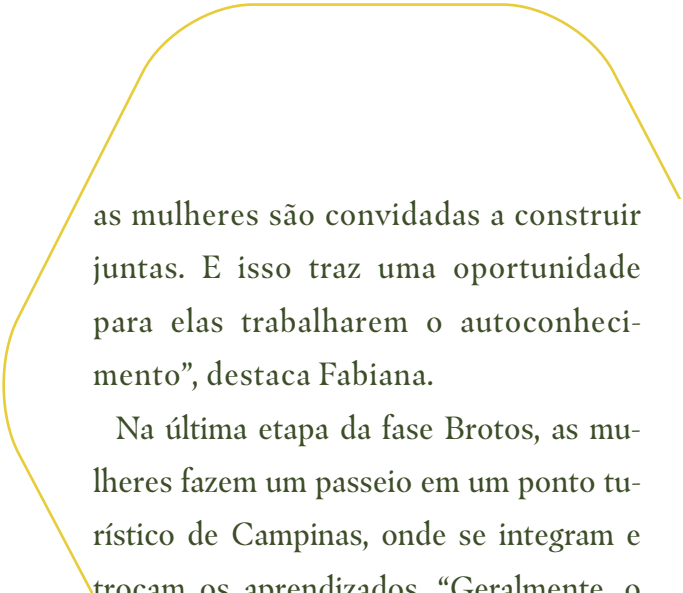
A primeira fase recebe o nome de Raízes. Nesta etapa, são feitos os contatos com as três OSCs da região noroeste de Campinas. “Cada instituição selecionou cinco mulheres com perfil de liderança e que gostariam de narrar suas histórias para outras mulheres”, explica Fabiana.

A segunda fase se chama Brotos. Neste trajeto, ocorrem quatro encontros em cada OSC, para que as cinco mulheres participantes de cada instituição se co-

nheçam e gerem a troca de saberes. Elas participam de atividades dirigidas que trabalham temas como “O que é ser mulher?”, “Quais os desafios?” e “Quais as conquistas?”. “Também compartilhamos com elas histórias de mulheres brasileiras inspiradoras, como Maria da Penha, Djamila Ribeiro e Elza Soares. Essa troca acaba sendo muito potente, pois elas começam a se reconhecer nas histórias dessas mulheres também”, diz a psicóloga.

Depois, elas são convidadas a pensar em questões do universo feminino e como reagiriam frente a temas como violência, discriminação, gravidez, sexualidade ou término de um relacionamento abusivo. “Tudo isso é trabalhado por meio de jogos lúdicos. Elas se conectam com suas histórias e entendem os atravessamentos que passam no decorrer de suas vidas. Nesses encontros,



A yellow line starts from the top left, curves around the top, and then descends towards the right side of the text block.

as mulheres são convidadas a construir juntas. E isso traz uma oportunidade para elas trabalharem o autoconhecimento”, destaca Fabiana.

Na última etapa da fase Brotos, as mulheres fazem um passeio em um ponto turístico de Campinas, onde se integram e trocam os aprendizados. “Geralmente, o passeio tem ocorrido na Lagoa do Taquaral. O contato com a natureza e com a cidade fora do ambiente delas, além de estarem juntas nesse momento, também tem sido muito enriquecedor”, destaca Fabiana.

A terceira etapa, chamada de Florada, chega para unir todas as mulheres das três OSCs com a equipe técnica do projeto. “São dois encontros que agregam histórias diferentes de vida. Mas partes dessas histórias também se encontram e se conectam. A ampliação da troca de experiências mostra que elas não estão

sozinhas, e que uma pode contar com a outra”, diz Fabiana.

A quarta e última etapa se chama Semente. Nela, as mulheres estão prontas para espalhar as “sementes” que nasceram das conversas, das trocas e da escuta da outra. “Elas vão em outros coletivos de mulheres para seguir partilhando e trocando saberes. O objetivo é multiplicar o caminho que trilharam juntas no projeto. É uma semente que estamos espalhando, e lá na frente vamos colher muitos frutos”, destaca Fabiana.

Ressignificando histórias

Força, coragem, sabedoria, admiração, união, aprendizado, troca e nutrição do corpo e da alma são algumas palavras-chave que Creusa dos Santos Silva, 65 anos, fala quando se refere ao impacto do projeto Florescer em sua vida.



Ela participou da primeira edição e agora está como mentora na segunda edição. “Esse projeto tem sido muito importante na minha vida. Eu fiquei viúva nova e criei dois netos sozinha; passei e ainda passo por muitos desafios. E poder contar a minha história e ouvir outras mulheres acaba dando muita força para seguir em frente”, diz.

Ela conta que o projeto faz com que exista uma troca muito grande entre as mulheres: “Uma respeita muito a outra. Procuramos dar conselhos para algumas mulheres que estão passando por algum sofrimento. Mas também buscamos amparo quando estamos passando por alguma dificuldade”.

Fabiana de Albuquerque, 47 anos, aprendeu no grupo que pode ajudar e ser ajudada. “Gosto de dizer que eu sou uma nova mulher, mas ainda quero trabalhar

e transformar bastante coisa em mim. No grupo, aprendi a ser mais carinhosa com as minhas filhas, aprendi a falar ‘eu te amo’ para elas. Além disso, tenho conseguido respeitar a opinião do outro, porque cada pessoa é diferente, e cada uma tem uma história de vida”, diz Fabiana.

O projeto Florescer é uma oportunidade para vivenciar, na prática, uma frase da poeta Cora Coralina, que diz: “Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”. E da junção de experiências e do intercâmbio de saberes podem brotar novos olhares para a vida.









O que faz?

O projeto ASAS é uma parceria entre ASID – Ação Social para Igualdade das Diferenças e a FEAC – que está trabalhando com 10 instituições de Campinas, visando promover redes de apoio para a construção de um futuro seguro e autônomo para pessoas com deficiência.

Asas para levantar voo

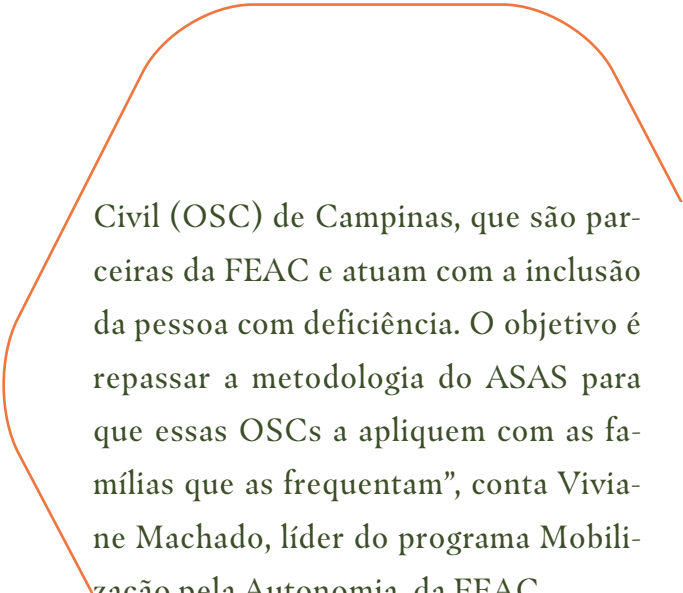
O que vai acontecer com o meu filho quando eu morrer? Quem vai seguir com ele nessa caminhada chamada vida? Essas são grandes questões enfrentadas por muitos pais, principalmente mães, de filhos com deficiência. E foi a partir deste incômodo que surgiu o projeto ASAS, um método que se propõe a criar, fortale-

cer e ampliar a rede de apoio para pessoas com deficiência, visando que elas possam envelhecer com maior autonomia e qualidade de vida.

A metodologia do projeto ASAS foi desenvolvida no Canadá, há mais de 20 anos, pelo Plan Institute, e já é aplicada em diversos países. Inclusive, no Canadá, já faz parte da política pública. Em 2020, a ASID foi responsável por trazê-la ao Brasil por meio de um projeto-piloto, realizado em plataforma *online*, com 105 famílias de São Paulo (SP) e Curitiba (PR).

Agora, o projeto chega a Campinas por meio da FEAC, em parceria com a ASID, e vai percorrer diferentes instituições da cidade. “A ASID está capacitando 10 Organizações da Sociedade





Civil (OSC) de Campinas, que são parceiras da FEAC e atuam com a inclusão da pessoa com deficiência. O objetivo é repassar a metodologia do ASAS para que essas OSCs apliquem com as famílias que as frequentam”, conta Viviane Machado, líder do programa Mobilização pela Autonomia, da FEAC.

Pedro Toscano, líder de Novos Negócios da ASID, destaca que o ASAS atua em várias frentes, e, dentre elas, está a criação de rede de apoio. “Temos buscado ajudar a criar um plano de vida e fortalecer ou estruturar a rede de apoio das famílias. O ASAS trabalha com questões relacionadas ao futuro, que passam inclusive pelo tema da morte dos pais e tutores das pessoas com deficiência. Mas o projeto também olha para os sonhos e aspirações da pessoa com deficiência. Além disso, contribui para ajudar a bus-

car mais autonomia e independência das pessoas com deficiência, olhando para sua história, contexto e individualidade”, conta Pedro.

Ele afirma ainda que o ASAS busca trazer ferramentas para que essas pessoas sejam efetivamente incluídas e se sintam, de fato, pertencentes à sociedade. Para se ter uma ideia, no Brasil, apenas 7% das sete milhões de pessoas com deficiência aptas para o mercado de trabalho estão empregadas, segundo dados de 2018 da Relação Anual de Informações Sociais (Rais).

“Já estamos tendo resultados muito importantes desde a chegada do ASAS e queremos impactar ainda mais na qualidade e autonomia de vida dessas pessoas. Percebemos que muitos já estão conquistando a independência física e a financeira. Temos exemplos de pessoas



que passaram a andar de ônibus sozinhas pela primeira vez. Estão surgindo empreendedores, palestrantes, entre outras carreiras”, destaca Pedro.

Mas como funciona o ASAS?

Rosângela Biano, assistente social e facilitadora do ASAS, conta que o projeto trabalha com cinco eixos, que foram muito bem estruturados para promover reflexões, gerando mudanças e criando novas conexões. “O ASAS forma comunidades para acolher diversas formas de existir”, pontua.

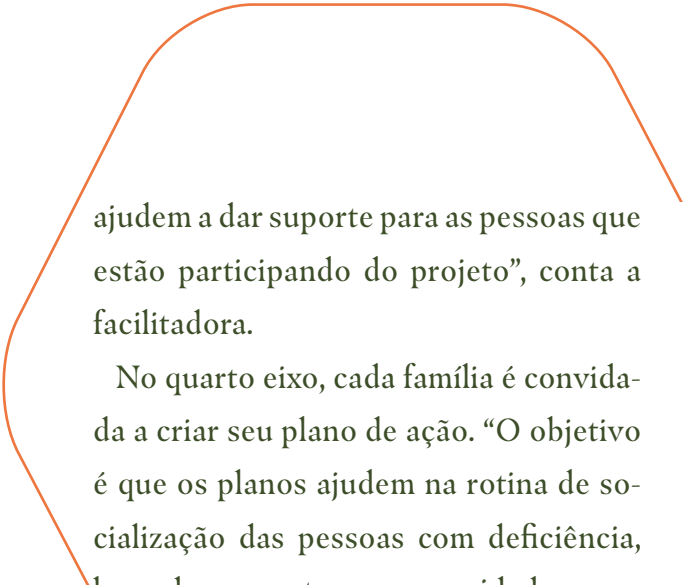
No primeiro eixo, as famílias compartilham suas experiências e conversam sobre os desafios enfrentados no dia a dia. Elas tiram um tempo para olhar as suas rotinas, demandas e desafios. Partilham as dores e também as conquistas. “As reuniões trazem momentos de muitas re-

flexões, sensibilização e emoção. Mas, ao expor seus medos e aflições, percebemos que os participantes estabelecem uma troca e confiança uns com os outros. Eles se conectam e sentem que não estão sozinhos nessa jornada”, destaca Rosângela.

No segundo eixo, é introduzida a ideia da rede de apoio. Nesse momento é possível saber quais famílias já contam com uma rede de apoio ou não. “Nesta parte, os facilitadores convidam as famílias a entender suas reais necessidades, e como podem pensar em construir essa rede de apoio, caso ainda não a tenham”, explica Rosângela.

No terceiro eixo, são programados diversos encontros com especialistas para debater temas importantes na vida de famílias com pessoas com deficiência. “Vamos trazendo conteúdos relevantes, de acordo com as necessidades, e que





ajudem a dar suporte para as pessoas que estão participando do projeto”, conta a facilitadora.

No quarto eixo, cada família é convidada a criar seu plano de ação. “O objetivo é que os planos ajudem na rotina de socialização das pessoas com deficiência, levando em conta suas capacidades, contextos e interesses”, diz Rosângela.

E, no quinto eixo, o final, as pessoas são convidadas a colocar o plano de vida em prática. “Nesta fase, elas já têm suas redes de apoio consolidadas e as necessidades de suas famílias bem esclarecidas, então passam a colocar em prática o que pretendem estruturar para a vida. Claro que tudo isso pode ser adaptado e repensado de acordo com as demandas que vão surgindo”, diz.

Há um momento do projeto ASAS em que as famílias ou tutores são convida-

dos a refletir a respeito da morte de quem cuida de uma pessoa com deficiência, de si mesmos. “É uma hora em que a pessoa vai fazer um mergulho profundo no tema e vai materializar isso em uma ‘Carta para o futuro’. Percebemos que essa ação tem ajudado a apontar a construção de caminhos para o futuro, trazendo respostas para medos e incômodos”, diz Rosângela.

A facilitadora destaca ainda que, de uma forma geral, na nossa cultura ocidental, não se fala muito sobre a morte, mas percebe que quem reflete sobre esse tema no ASAS olha para a vida com mais intensidade. Em um dos trechos do livro *A morte é um dia que vale a pena viver*, da médica e escritora Ana Claudia Quintana Arantes, a autora destaca: “Desejar ver a vida de outra forma, seguir outro caminho, pois a vida é breve e precisa de valor, sentido e significado. E a mor-

te é um excelente motivo para buscar um novo olhar para a vida”. Rosângela destaca que o ASAS acaba trazendo muito esse novo olhar para a vida!

Despertando potencialidades

Em um trecho de sua “Carta para o futuro”, uma das atividades propostas no percurso do projeto ASAS, Lisabeth Aleoni Arruda, que participou do projeto-piloto e é mãe de Claudio Aleoni Arruda, 37 anos, que tem síndrome de Down, escreve: “O impacto do projeto ASAS nas nossas vidas foi imensurável. Causou transformações, um outro olhar para novas possibilidades, a concretização de ações, o tira-teima do que de fato pensamos e queremos pôr em prática”.

Ela conta que Claudio sempre foi estimulado a ser independente, mas o ASAS ampliou ainda mais o olhar deles.

Lisabeth ressalta que a rede de apoio, tão trabalhada no ASAS, é muito importante para todos, e para pessoas com deficiência é ainda mais necessária. “Mesmo que a pessoa com deficiência tenha autonomia em diferentes setores, ela sempre vai precisar de apoio”, diz.

E ela exemplifica um dos apoios que o filho recebe da família: “Para se locomover pela cidade, geralmente o levamos ou chamamos carro pelo aplicativo”, conta.

Foi durante a participação no projeto ASAS que Lisabeth descobriu que seu filho Claudio gostaria de morar com uma prima, quando os pais não estiverem mais aqui. “Foi muito bom saber que essa era a vontade dele, e isso nos fez olhar para a rede de apoio. Depois que ele expressou isso, conversamos com essa prima, que demonstrou estar aberta para essa possibilidade”, conta Lisabeth.



Entre cavalos e empreendedorismo

Desde pequeno, Claudio sempre foi apaixonado por cavalos; aos 5 anos, aprendeu a montar com o pai, na fazenda da avó, em Minas Gerais. Ele ingressou na Sociedade Hípica Paulista e, aos 15 anos, se tornou cavaleiro. “Ele foi o primeiro aluno com síndrome de Down da Escola de Equitação da Sociedade Hípica Paulista a vencer campeonatos pela Federação Paulista de Hipismo”, conta Lisabeth.

Como sempre incentivaram sua independência e autonomia, aos 19 anos teve seu primeiro emprego com carteira assinada numa rede de restaurante. “Após quatro anos, pediu demissão para trabalhar com cavalos e atuou por 10 anos na Escola de Pônei da Sociedade Hípica Paulista”, conta a mãe.

A pandemia mudou a vida da família de Claudio, e eles mudaram de São Paulo para o interior, em Piracicaba, onde ele tomou a decisão de pedir demissão do seu trabalho da Hípica Paulista. Claudio fez cursos de capacitação de escritório, audiovisual, inglês, programa de educação ao trabalho e empreendedorismo.

Claudio já era palestrante e, durante seu percurso no projeto ASAS, decidiu que iria empreender. Abriu um MEI (Microempreendedor individual) para formalizar seu trabalho com sua empresa Cla Hipismo.

“Como palestrante, aborda temas como inclusão social, inclusão pelo esporte, inclusão no mercado de trabalho, conta sua história de vida e trabalha valores como acessibilidade, autonomia e independência, além de participar, nas empresas, em rodas de conversas e mesas-redondas”, conta Lisabeth. Ela conta ainda que ele



também realizou seu sonho de ser garoto de propaganda e influenciador digital, outra meta definida durante o projeto ASAS.

O mais importante do ASAS é que ele trabalha olhando para as potencialidades de cada indivíduo e busca dar “asas” para que todos consigam levantar seus voos das mais diferentes formas de viver.

Arquivo Pessoal Lisabeth Arruda



Arquivo Pessoal Lisabeth Arruda





O que faz?

O projeto Codifica é uma parceria entre a Base Social e a FEAC para oferecer cursos de Programação e Design de Produto para jovens de 16 a 24 anos que vivem em regiões periféricas de Campinas. Os cursos foram idealizados para que os jovens conheçam esse ofício, apontado como uma das principais profissões do futuro.

Uma ponte entre os jovens e a tecnologia

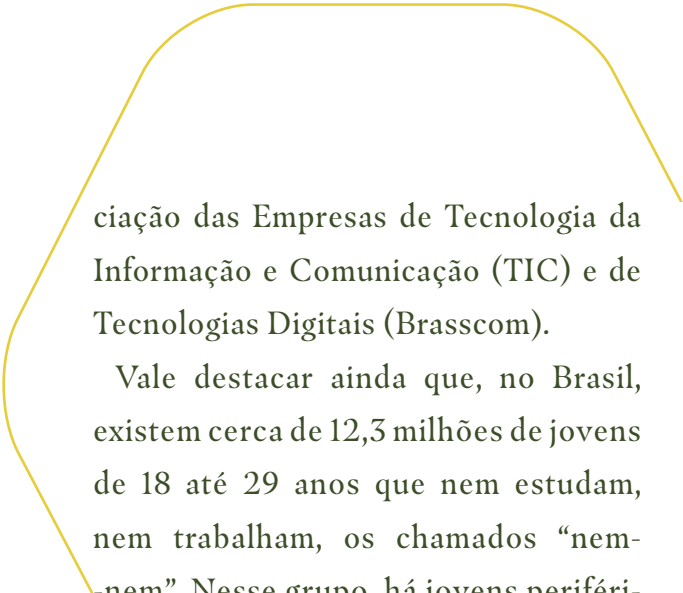
“A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original.” Esta frase, creditada ao cientista Albert Einstein, ilustra parte do impacto positivo que o projeto Codifica, idealizado

pela Base Social e a FEAC, tem causado na vida de jovens de 16 a 24 anos em situação de vulnerabilidade social.

O Codifica oferece cursos gratuitos de Programação e Design de Produto. Caso o jovem não tenha os equipamentos necessários, são fornecidos computadores, internet e *webcam*, para que toda a trilha de aprendizagem seja percorrida. O curso tem duração média de três meses e carga horária de 120 horas.

Se existe uma atividade que figura na lista das principais profissões do futuro, ela está na área do mercado de tecnologia. Para se ter uma ideia, estima-se que, até 2025, devam faltar em torno de 797 mil profissionais nessa área. Esses dados fazem parte de um estudo da Asso-



A yellow line starts from the top left, curves around the top, and then descends towards the text on the left.

ciação das Empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) e de Tecnologias Digitais (Brasscom).

Vale destacar ainda que, no Brasil, existem cerca de 12,3 milhões de jovens de 18 até 29 anos que nem estudam, nem trabalham, os chamados “nem-nem”. Nesse grupo, há jovens periféricos, em situação de vulnerabilidade e, muitas vezes, em condição de pobreza e riscos extremos. “Nestes casos, o termo ‘nem-nem’ não se aplica, pois a falta de referências, de condições mínimas de existência, de conhecimento, incentivo e apoio os empurra para a margem da sociedade e os leva para uma condição de ‘sem-sem’, ou seja, sem estudo, sem trabalho, sem perspectivas, sem sonhos, sem oportunidades. Quanto maior a vulnerabilidade, maior o abismo e sua condição de ‘sem’”, diz Tatiane

Zamai, coordenadora do programa Juventudes, da FEAC.

Adriano, idealizador da Base Social, completa: “Muitos jovens não têm ideia dessas oportunidades e nem informações de como começar a se preparar para atuar na área de tecnologia. No decorrer das turmas que têm participado do Codifica, temos visto exemplos transformadores, pois muitos jovens passam a acreditar em seus potenciais, entram no mundo do trabalho e seguem estudando e se aperfeiçoando”.

O projeto Codifica passa por três fases. “A primeira é o despertar para a potencialidade da área, a segunda é a capacitação com os cursos e, num terceiro momento, buscamos as empresas para inserir os jovens no mundo do trabalho. De modo geral, temos conseguido colocar o jovem em empresas de pequeno,

médio e grande porte, e muitos têm se destacado”, conta Adriano.

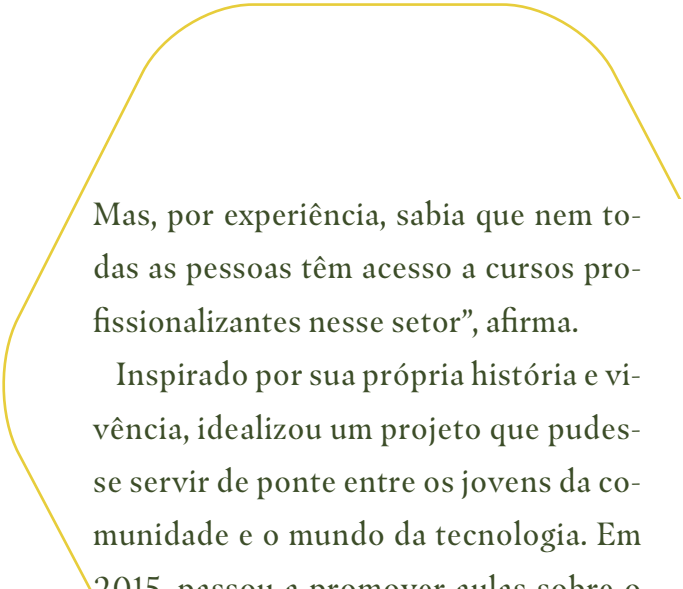
O projeto tem como missão gerar transformação social positiva para pessoas em situação de vulnerabilidade social, trazendo oportunidades por meio da educação e da preparação para o início da carreira profissional. “Nosso desejo é contribuir para que os jovens possam ampliar suas possibilidades de escolhas. Quando decidimos atuar com jovens periféricos é porque sabemos que eles enfrentam barreiras, impedimentos e outras questões que os atrapalham na corrida para ascender na vida, nas próprias possibilidades de sonhar e almejar um futuro melhor. Queremos contribuir para que esses jovens possam sonhar, planejar e concretizar um futuro melhor”, diz Tatiane.

Adriano acredita que o mundo da tec-

nologia contribui para gerar novas conexões, e isso também ocorreu em seu percurso profissional. Ele foi o primeiro integrante da família a ter um curso superior. Antes de mudar para a região de Campinas, morava na periferia de São Paulo e lembra que, na época em que se interessou pela área de informática, não havia muita referência sobre o assunto. Ainda jovem, enquanto trabalhava como *office-boy* para ajudar a família e financiar seus estudos, mergulhou no universo da tecnologia por meio de cursos e leituras sobre o tema.

Em 2010, resolveu empreender na área de tecnologia e fundou, com um amigo, uma empresa de *software*. “Com o crescimento da empresa, percebi que era difícil achar profissionais qualificados no mercado e que existia um campo muito vasto de empregos disponíveis nessa área.





Mas, por experiência, sabia que nem todas as pessoas têm acesso a cursos profissionalizantes nesse setor”, afirma.

Inspirado por sua própria história e vivência, idealizou um projeto que pudesse servir de ponte entre os jovens da comunidade e o mundo da tecnologia. Em 2015, passou a promover aulas sobre o tema para o público jovem da periferia. A experiência deu tão certo que, com o apoio de dois amigos, Miguel Lopes e Wagner Fernandes, nasceu, em 2019, o projeto Categoria de Base. Em 2021, rebatizado de Base Social, foi implantado na Associação Beneficente Direito de Ser, no Jardim São Marcos, em Campinas. “Nosso desafio é mostrar que essa área tem espaço para todo mundo e que pode ser uma excelente oportunidade para quem quer construir uma carreira de sucesso. Já temos ex-alunos atuando

como *trainees*, e outros que abriram a própria *startup*”, destaca Adriano.

Muito além da tecnologia

Além da formação técnica, a Base Social desenvolve temas relacionados à jornada escolar e à empregabilidade. “Apresentamos as possibilidades de ingresso em cursos técnicos e de nível superior, com o objetivo de estimular os jovens a seguir estudando mesmo após a conclusão do Ensino Médio”, conta Adriano.

Dentre os desafios, a equipe esbarra em outros problemas sociais, como defasagem escolar, violência familiar, desemprego, alcoolismo e uso de drogas. “Mas um dos maiores desafios é conseguir convencer esse jovem de que, independentemente de sua realidade e dificuldades, ele tem capacidade de entrar nesse universo e ter excelentes oportunidades”, diz Adriano.

Talentos que afloram

Rayra Mendes, 19 anos, conta que frequentava o Direito de Ser desde os 7 anos e, quando a Base Social começou a oferecer cursos na área de tecnologia, ficou muito interessada. Hoje, ela se orgulha de trabalhar com gestão de projetos tecnológicos. “Ter a oportunidade de fazer um curso gratuito de tecnologia mudou e ampliou meu olhar para o mundo. O curso que fiz na Base Social me deu a chance de conquistar meu primeiro emprego. Se não fosse essa oportunidade, eu não estaria conseguindo ver um futuro para mim na área de tecnologia. Hoje sei que consigo ir além do que eu imaginava e pretendo continuar estudando para me aprimorar”, conta.

Geremias Santos, 20 anos, lembra que sempre teve interesse na área de tecnologia, mas nunca pensou que poderia fazer disso sua profissão. Antes do curso na

Base Social, ele chegou a ter outra experiência na área, porém não concluiu a formação. “Foi durante as aulas de violão em outro local que fiquei sabendo do curso da Base Social e resolvi me inscrever. Aprendi tanto e me encantei pela área de tal forma que hoje trabalho com isso. O curso oferece muito mais que aulas de tecnologia; ele ajuda até na questão da empregabilidade, em como montar seu currículo e ter um perfil no LinkedIn. A trilha que percorri no curso me trouxe mais confiança e motivação para seguir em frente. Inclusive as aulas que tive na Base Social me ajudaram até a me desenvolver melhor no curso de violão”, conclui.

Se depender dos talentos que têm nascido dentro do projeto Codifica, parte das vagas que devem surgir até 2025 serão preenchidas por esses jovens que têm despontado suas potencialidades.









O que faz?

O projeto Novo Olhar, da FEAC em parceria com o NEPP (Núcleo de Estudos de Políticas Públicas da Unicamp), planeja ações estratégicas voltadas à melhoria da qualidade nas escolas de Educação Infantil de Campinas, por meio de uma respeitosa sinergia que valoriza e apoia o trabalho de 33 instituições de Educação Infantil colaboradoras da Secretaria Municipal de Campinas. Ele nasceu durante a pandemia de Covid-19 e tem como missão transformar a qualidade de ensino nas escolas de Educação Infantil, que contemplam o atendimento de crianças de 0 a 6 anos.

Por meio de um edital, o Novo Olhar selecionou cinco projetos de instituições

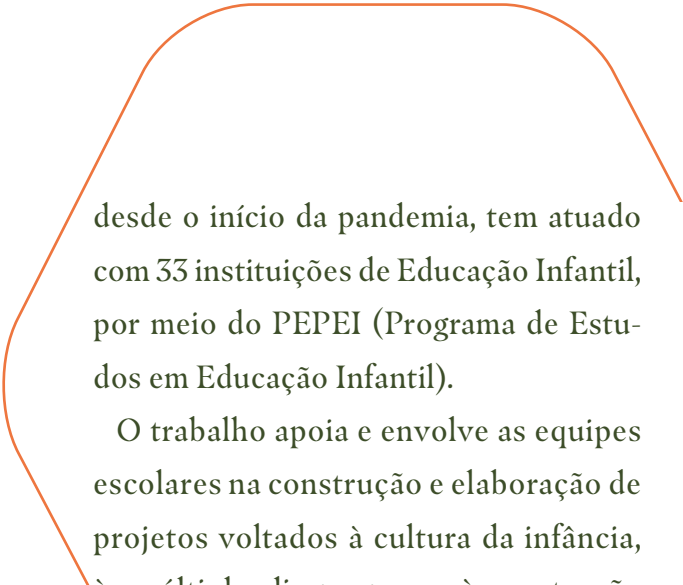
de Educação Infantil com o objetivo de aprimorar os espaços escolares, considerando o conceito de “desemparedamento” da infância.

Preparando e experienciando o mundo além da sala de aula

As conexões genuínas entre as crianças e a natureza podem revolucionar o nosso futuro. Vivenciar essa experiência dentro do ambiente escolar é ainda mais potente, pois boa parte das crianças passa muitas horas do seu dia, durante anos, dentro de uma creche, uma escola, uma OSC (Organização da Sociedade Civil).

Realizar essas conexões é, justamente, um dos objetivos do projeto Novo Olhar, da FEAC em parceria com o NEPP, que,





desde o início da pandemia, tem atuado com 33 instituições de Educação Infantil, por meio do PEPEI (Programa de Estudos em Educação Infantil).

O trabalho apoia e envolve as equipes escolares na construção e elaboração de projetos voltados à cultura da infância, às múltiplas linguagens e à construção de espaços e ambientes escolares educadores, que privilegiem a natureza e os espaços ao ar livre, entre tantos outros temas eleitos pelas equipes escolares com base na realidade e nos sonhos de cada instituição.

Por meio de um edital, foram selecionados cinco projetos de instituições de Educação Infantil com o objetivo de “desemparedar” a infância, possibilitando mais espaços de natureza nas escolas, ambientes mais arejados e com iluminação natural, além da utilização de

elementos orgânicos nas novas propostas de ambientação.

Os projetos contemplados foram AEA Vila Formosa, Creche Bento Quirino – Unidade I, Creche Mãe Cristina, Fundação Firmacasa e Centro de Formação Semente da Vida, que estão sendo realizados com a parceria técnica do Ateliê Navio, da arquiteta e urbanista Úrsula Troncoso, e têm a Profa. Dra. Roberta Rocha Borges como parecerista.

O livro *Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza* sistematiza muito bem os caminhos do processo de ressignificação dos espaços escolares como lugares potenciais para o encontro da criança com a natureza, além de retratar como essa conexão pode favorecer o desenvolvimento e o aprendizado.

Vale destacar ainda que existem muitas

evidências científicas de que a ausência de contato com a natureza pode contribuir para problemas físicos e mentais na criança. O jornalista Richard Louv, autor do livro *A última criança na natureza*, cunhou o termo “transtorno do déficit de natureza” para descrever o fenômeno causado pelo fato de crianças terem pouco contato com o ecossistema.

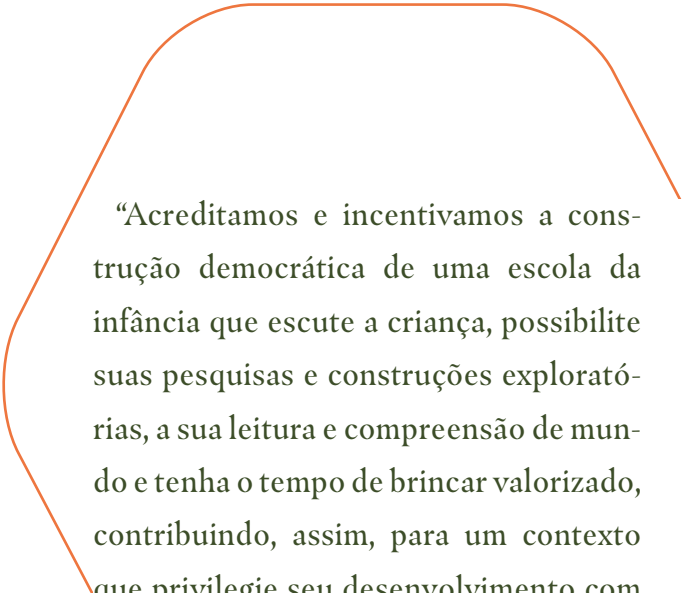
Até 2030, a previsão é de que 60% da população viverão em cidades, por isso é muito importante que as escolas repensem seus espaços. A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda um mínimo de 12 m² de área verde por habitante.

“Desemparedar uma criança contribui para o seu desenvolvimento integral e sua autonomia diante de um universo amplo de pesquisa, pois, à medida que as crianças exploram os espaços externos e

descobrem contextos, elas se conectam com a natureza, aguçam a curiosidade, os sentidos e vivem experiências que contribuem para os aspectos físicos, intelectuais, psicológicos, emocionais e sociais de seu desenvolvimento, o que não seria possível em ambientes fechados, como as salas de aula mais convencionais e espaços domésticos restritos”, destaca Teresinha Klain, pedagoga e analista de projetos do programa Primeira Infância em Foco (PIF), da FEAC.

A pandemia de Covid-19 afastou as crianças da escola por mais de um ano e provocou reflexões dos educadores a respeito da utilização dos espaços físicos, que vão muito além das salas de aula. Além disso, no projeto Novo Olhar foram trabalhados outros temas relevantes, como a importância do brincar e da escuta ativa das crianças.





“Acreditamos e incentivamos a construção democrática de uma escola da infância que escute a criança, possibilite suas pesquisas e construções exploratórias, a sua leitura e compreensão de mundo e tenha o tempo de brincar valorizado, contribuindo, assim, para um contexto que privilegie seu desenvolvimento com respeito ao ritmo único e singular de aprendizagem”, afirma Teresinha.

Guardiões da memória do Novo Olhar

As instituições contempladas com a reforma também passaram por um ciclo de formações por meio de grupos de estudos, que ocorreram de março a agosto de 2021. Os temas estudados foram: a construção do projeto educativo na Educação Infantil; a pesquisa das crianças e o professor pesquisador; a organização

dos ambientes da escola de Educação Infantil; as cem linguagens das crianças, a cultura e a arte e a documentação pedagógica, o livro da vida e o portfólio como instrumentos de avaliação.

O projeto Novo Olhar, acreditando na potência das trocas e das propostas nascidas do percurso formativo, escreveu uma coleção de cinco cadernos temáticos, intitulada “Novo olhar para a infância”, que poderá servir de inspiração para outras instituições.

Apreciando o mundo fora da sala de aula

O projeto de nome inspirador, “Ver de Perto, Verde Perto”, do Centro de Formação Semente da Vida, é um dos exemplos preciosos das transformações que estão ocorrendo a partir do projeto Novo Olhar, idealizado pelo programa Primeira Infân-



cia (PIF), da FEAC. A OSC conveniada à Prefeitura Municipal de Campinas atua com Educação Infantil – creche e pré-escola – no Jardim Novo Flamboyant. Por lá, recebem 154 crianças de 0 a 6 anos, em período integral, e contam com uma equipe de 33 profissionais.

“O objetivo do projeto ‘Ver de Perto, Verde Perto’ é oferecer para a comunidade do Jardim Novo Flamboyant quase 500 metros de área reestruturada para brincar junto à natureza”, conta Valéria Oliveira Ruggeri, diretora educacional da OSC Semente da Vida. Vale destacar que, desde o início da pandemia de Covid-19, em 2020, a maioria das crianças ficou restrita ao espaço doméstico e, de um modo geral, foi mais exposta às telas de televisão e de celular.

A diretora destaca ainda que o projeto foi além das reformas, pois os profissio-

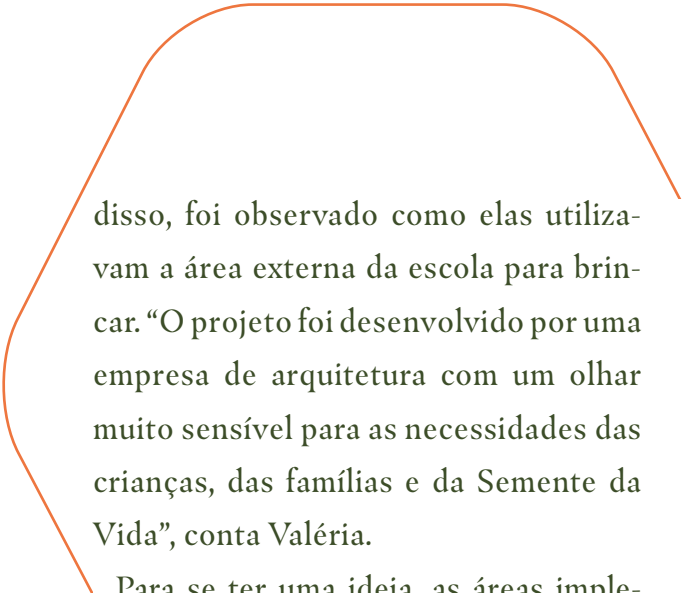
nais da OSC fizeram uma formação de 25 horas com a educadora Ana Carol Thomé, do Ser Criança é Natural, visando sensibilizar e instrumentalizar a equipe para o uso significativo desses novos espaços.

Um mundo para sentir, apreciar e explorar

Flores, arbustos, árvores frutíferas, água, pedras, cascalhos e areia fazem parte dos elementos naturais que estão ajudando a ampliar as experiências sensoriais das crianças e das famílias na OSC Semente da Vida. “O projeto foi finalizado em outubro de 2022, mas as crianças já estão tendo a oportunidade de brincar, contemplar, pesquisar, sentir e interagir com esses elementos”, destaca a diretora.

Para que o projeto “Ver de Perto, Verde Perto” ganhasse vida, as crianças e as famílias também foram ouvidas. Além





disso, foi observado como elas utilizavam a área externa da escola para brincar. “O projeto foi desenvolvido por uma empresa de arquitetura com um olhar muito sensível para as necessidades das crianças, das famílias e da Semente da Vida”, conta Valéria.

Para se ter uma ideia, as áreas implementadas atendem a diferentes desafios corporais, cognitivos e sensoriais voltados diretamente para a primeira infância. “Os elementos água, vegetação e diferentes alturas foram bem explorados. Foi instalado um novo *playground* numa área de barranco, que era muito íngreme e pouco segura. Agora as crianças podem escorregar, brincar, explorar, subir, descer e escalar, criando suas narrativas com maior segurança. Nesse espaço elas podem ainda sentir o vento, a chuva, as folhas das árvores, a areia, além de terem

uma visão de um horizonte longínquo, ajudando a despertar a imaginação e os vários sentidos”, conta a diretora.

Ao lado desse espaço, existe uma outra área com um declive acentuado, que foi organizada em patamares para receber uma via de piso intertravado, indicada para caminhar com segurança e garantir que cadeirantes e pessoas com mobilidade reduzida possam circular por ali. “Também foram implementadas áreas com areia, grama, arbustos, uma passagem com degraus em alvenaria. Junto ao muro da escola foi construído um percurso de água corrente e dois reservatórios de água, formando um espaço que trará experiências incríveis com o elemento água para as crianças que estão aprendendo a desvendar o mundo”, afirma.

Na parte externa, foi feito o calçamento da quadra, e agora é possível transitar



com carrinho de bebê com mais segurança, sem precisar usar a rua. “Toda a lateral ganhou um talude organizado, com muretas, grama, arbustos, subida e descida de pneus e um *deck* de 12 metros, acima da altura da rua, para que a população possa observar o horizonte, descansar ou interagir com os amigos e vizinhos. A finalização prevê a organização de ações coletivas para intervenções artísticas, mosaicos e desenhos de brincadeiras no chão”, diz.

A diretora ressalta ainda que a boa autoimagem que as conquistas desses espaços propiciam é incalculável. E, no caso desse projeto, com as ações na área externa, há possibilidade de impulsionar o sentimento de pertencimento e identidade da comunidade, um dos focos de uma educação cidadã.

“Acredito que todos ganhamos muito com esse projeto. Ganha a natureza, pois

a criança irá ressignificar suas experiências e ampliar sua chance de estar engajada na defesa de temas ambientais, e, de forma excepcional, ganham as crianças, que vivem a cura pela natureza, que observam os demais seres vivos, aprendem seus limites e pesquisam a vida”, afirma.

Valéria diz ainda que as crianças impulsionam a equipe a continuar sonhando e realizando intervenções. “Como próximas ações, podemos apontar dois novos espaços: uma horta comunitária e um ateliê de artes.” Ela vai além e questiona: “Parar de sonhar? Nunca! Buscar realizar sempre!”, finaliza.



Kátia Camargo



Kátia Camargo



Kátia Camargo







O que faz?

O UrbaniZarte é um projeto do programa Fortalecimento de Vínculos, da FEAC, e promove, por meio de coletivos, pessoas e instituições, atividades gratuitas com foco em esporte, arte, cultura e cidadania em espaços públicos de integração e convivência. O projeto visa reforçar os vínculos familiares e comunitários nas áreas mais vulneráveis de Campinas.

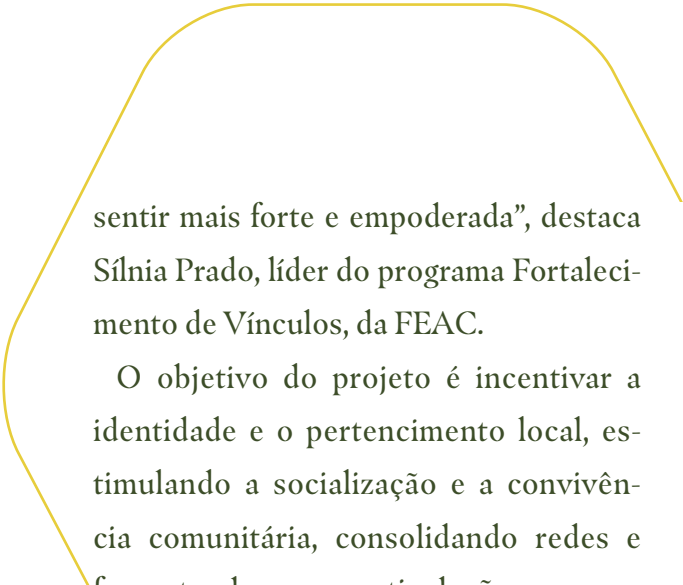
Construindo e fortalecendo laços na comunidade

O UrbaniZarte nasceu para dar visibilidade a iniciativas já existentes nas zonas periféricas de Campinas. Desde que foi lançado, em 2017, já foram realizadas 23 edições. E só parou em 2020, por conta

da pandemia de Covid-19, mas já tem retorno previsto para 2023. No dia do evento são promovidas diferentes atividades de cultura, lazer, saúde e cidadania em um espaço público e para toda a comunidade. É um momento de encontro da família com amigos, vizinhos e diferentes atores que fazem parte do território.

“Com o UrbaniZarte, desejamos mostrar às pessoas que elas são capazes de fazer algo em conjunto pelo lugar onde vivem. Essa experiência tende a ser transportada para várias outras situações que dependem da força de um trabalho coletivo para serem vencidas. Então, a realização do evento do UrbaniZarte não é o fim, mas o começo de muitas histórias que envolvem toda a comunidade, que pode se





sentir mais forte e empoderada”, destaca Sílvia Prado, líder do programa Fortalecimento de Vínculos, da FEAC.

O objetivo do projeto é incentivar a identidade e o pertencimento local, estimulando a socialização e a convivência comunitária, consolidando redes e fomentando novas articulações, sempre visando ao desenvolvimento humano. “A cada edição, buscamos potencializar e integrar o trabalho das redes e forças locais”, conta Sílvia.

Ela aponta ainda que o desafio de cada edição do UrbaniZarte é reconhecer o que de fato é importante para o território, e, por isso, é muito valioso juntar diferentes lideranças na organização do projeto. “Tendo isso bem claro, conseguimos ressignificar os espaços públicos e unir as lideranças e os equipamentos locais para pensar e criar coletivamente. A FEAC

oferta toda a tecnologia social para que o evento ocorra e atinja os objetivos”, diz.

Mas como funciona?

Logo no início do ano, a FEAC lança um edital do projeto UrbaniZarte, e as OSCs interessadas se inscrevem. É muito importante que essa OSC seja uma referência no território e demonstre diálogo com diferentes atores locais, como coletivos, associação de moradores, comunidades religiosas, escolas, equipes de saúde e assistência social. “Essa união de vários atores é muito importante, porque o projeto deve incluir o máximo de pessoas possíveis e proporcionar uma interação potente entre elas”, destaca Sílvia.

Desde 2018, o UrbaniZarte estruturou o Núcleo Criativo, que reúne pessoas que circulam pelos territórios, seja porque moram, estudam ou trabalham ali,

ou porque mantêm algum tipo de vínculo com o lugar e seus habitantes, deixando-o heterogêneo e diverso. Em 2019, a execução do projeto passou a ficar a cargo de uma OSC local, na função de “parceira técnica”, e não mais da FEAC. É a OSC que encabeça o projeto e convida parceiros e pessoas que vivenciam o território para compor o Núcleo Criativo. Dentre eles, estão instituições ligadas à saúde, ao desenvolvimento sustentável, à assistência social, à prevenção da violência e à educação de crianças e jovens, além de associações esportivas, coletivos de arte, associações de bairros, entre outros. “Os parceiros variam de acordo com o objetivo que se pretende atingir. Já trabalhamos com temas voltados a sustentabilidade, saúde e prevenção às drogas. Por isso, é muito importante o Núcleo Criativo, que consegue identifi-

car as demandas do território e fomentar estas sinergias”, conta Sílnia.

O Núcleo Criativo define onde será o evento, quais atividades serão oferecidas e a forma de envolver a comunidade para participar, além de também ficar responsável pela gestão do projeto. “Percebemos nos depoimentos de quem participou do UrbaniZarte que todo o processo de preparação e execução do evento segue muito além do dia em que ocorre a ação do UrbaniZarte. O projeto contribui para promover a cidadania e o empoderamento da população local. Isso ajuda a fortalecer o território, desenvolver o senso de pertencimento dos moradores, dar voz às pessoas, aumentar a oferta de lazer e cultura nas periferias, integrar a rede de atores, equipamentos e serviços locais e propiciar o convívio intergeracional e entre diferentes grupos sociais”, destaca Sílnia.



Um exemplo de UrbaniZarte na prática e seus impactos

Para se ter ideia do porte dos eventos, a sétima edição do UrbaniZarte, que ocorreu em 2019, na Praça Peroba Poca, em Barão Geraldo, ao lado da Mata Santa Genebra, reuniu mais de 350 pessoas. Nesta edição, o parceiro técnico foi o Núcleo de Ação Social (NAS).

O evento também contou com o apoio de outros parceiros locais, como a Sociedade Pró-Menor e a Fundação José Pedro de Oliveira, e parceiros externos, como o Instituto CIDAS e a Reprolatina. Além das opções de lazer, o projeto trabalhou com eixos que passavam pela qualidade de vida, saúde e educação ambiental.

“O projeto faz com que os atores do território que trabalham em diferentes segmentos, como saúde, educação, esporte, lazer ou meio ambiente, se mobilizem

para uma ação única. Quem participou se surpreendeu ao ver projetos sociais, o Centro de Saúde e educadores da Mata Santa Genebra, todos juntos, no evento”, conta Márcia Rabelo Ramos Hespanholo, coordenadora do NAS, responsável pela liderança do Núcleo Criativo que estruturou a edição.

A proposta de realizar um UrbaniZarte ao lado da Mata Santa Genebra acabou sendo bem interessante. “Um dos eixos principais do trabalho era promover a sustentabilidade. Conseguimos integrar a população presente com a natureza, com os animais, com as atividades que promoveram a integração de diferentes públicos de diversas faixas etárias, como dança circular, pintura e grafite. Também fizemos um trabalho para sensibilizar as pessoas para os cuidados com o lixo na praça”, comenta Márcia.



Dentre as atividades para o público presente, destacaram-se as oficinas de bolha de sabão e de construção de pipas, e outras atrações, como contação de histórias, cama elástica, jogos de tabuleiro, visita ao borboletário e um varal literário com diversas opções de livros. Houve também distribuição gratuita de picolés, frutas, pipoca e algodão-doce para o público presente.

Além das atividades lúdicas, estudantes de Ciências Biológicas da Unicamp expuseram animais em conserva, como cobra, morcego, escorpião e aranha, com o intuito de promover a educação ambiental.

A localização, ao lado da Mata Santa Genebra, trouxe para o evento um público diferente, que, apesar de ser morador do território, não conhecia o espaço. “Por ser um evento aberto, teve uma integração entre pessoas de diferentes classes

sociais. Isso foi muito potente também, pois deixou todo mundo em igualdade, com oportunidades iguais de diversão e instrução para todos”, lembrou.

Para ela, o impacto na comunidade foi muito forte. “Fora a possibilidade de trazer para as crianças, famílias e vizinhos, conhecidos ou não, momentos de convivência; isso contribui muito para o fortalecimento de vínculos”, destaca Márcia.

Se prestarmos atenção em um provérbio africano, que diz: “É preciso uma aldeia para se educar uma criança”, perceberemos que o UrbaniZarte tem contribuído, e muito, com a formação dessas “aldeias”, pois nenhuma pessoa aprende e se desenvolve somente a partir dos valores da própria família nuclear, mas sim em acordo e no convívio com toda a comunidade em que vive e com que se relaciona.



Arquivo Fundação FEAC



Arquivo Fundação FEAC



Arquivo Fundação FEAC



Arquivo Fundação FEAC



Arquivo Fundação FEAC



Arquivo Fundação FEAC



Arquivo Fundação FEAC



Arquivo Fundação FEAC





oficina locomover

O que faz?

Em 2018, a Casa da Criança Paralítica (CCP) de Campinas e a Fundação FEAC idealizaram a Oficina Locomover, pensada para realizar a manutenção, recuperação e adaptação de cadeiras de rodas. Além de consertar, a Oficina Locomover também recebe doações de cadeiras que não estão mais em uso para serem restauradas, doadas ou reaproveitadas na manutenção de outras. O projeto deu tão certo que, em 2022, se tornou política pública do município de Campinas.

Como surgiu a ideia?

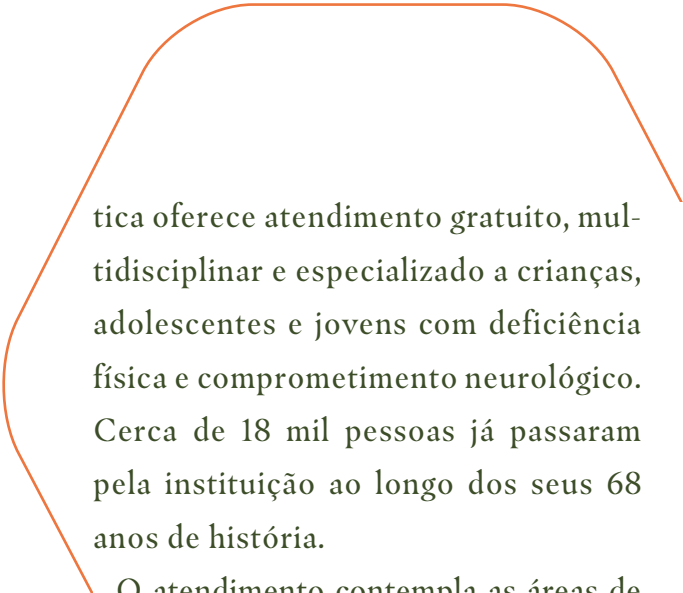
No dicionário, *locomover* significa ‘deslocar-se de um ponto para o outro’. Ao olhar para as dificuldades e os de-

safios que boa parte das pessoas com deficiência física de Campinas enfrentava para se deslocar, seja por conta de receber cadeiras de rodas que não condiziam com seu perfil físico, o que compromete ainda mais a saúde, ou ainda pela longa espera para consertar uma cadeira de rodas quando apresenta defeito ou conseguir uma nova, em 2018, surgiu a Oficina Locomover, uma parceria entre a Casa da Criança Paralítica e a FEAC.

De acordo com os dados do IBGE, em 2010, Campinas contava com 63.690 pessoas com algum tipo de deficiência física. E a estimativa para 2022 é de que esse número gire em torno de 72 mil.

Desde 1954, a Casa da Criança Paralítica





tica oferece atendimento gratuito, multidisciplinar e especializado a crianças, adolescentes e jovens com deficiência física e comprometimento neurológico. Cerca de 18 mil pessoas já passaram pela instituição ao longo dos seus 68 anos de história.

O atendimento contempla as áreas de fisioterapia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, psicologia, serviço social e pedagogia, diferenciando-se por oferecer ainda serviços médicos de fisioterapia, pediatria, neurologia e ortopedia, serviços odontológicos e nutricionais, integração sensorial, além de assistência jurídica, pilates, informática e orientação à família.

Boa parte dos cidadãos que frequentam a Casa da Criança Paralítica precisa de uma cadeira de rodas para se locomover, e, por meio das visitas domiciliares, a equipe constatou que parte dos usuá-

rios estava com a cadeira de rodas encostada em um canto da casa, sem uso, por não existir um lugar que oferecesse conserto, manutenção ou adaptação adequada para o uso da pessoa.

Para se ter uma ideia do tamanho do desafio enfrentado pelas pessoas com deficiência e seus familiares, muitas chegavam a ficar mais de dois anos em uma fila de espera para conseguir fazer a manutenção ou adaptação de sua cadeira de rodas, e isso impactava em sua qualidade de vida. “E, caso precisassem de uma cadeira de rodas nova, a fila podia se estender por até quatro anos”, conta Silvia Regina Nunes Bertazzoli, coordenadora da Casa da Criança Paralítica.

A Oficina Locomover foi um passo importante para o município, considerando que não havia um local que fizesse manutenção e adaptação de cadeiras de

rodas. “Quando se pensa em manutenção e adaptação de cadeiras de rodas, estamos olhando também para a saúde, porque, com os ajustes necessários, evitamos que as pessoas tenham um agravamento da sua condição física por meio de uma postura incorreta ou equipamento inadequado”, conta Viviane Machado, líder do Programa de Mobilização para Autonomia, da FEAC.

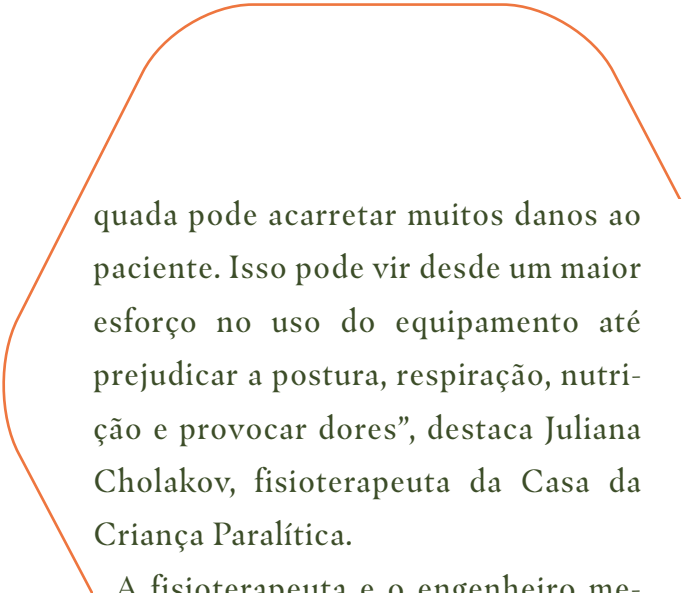
Vale destacar ainda que isso acaba acarretando até uma melhoria nos gastos públicos. “Se o município investe em adaptação e manutenção, futuramente evitará despesas com trocas recorrentes de equipamentos com vida útil limitada ou tratamentos e procedimentos que deixam de ser necessários, por meio de um equipamento que atende às demandas específicas de seus usuários”, reflete Viviane.

Muito além de um conserto ou adaptação

Atualmente, a Oficina Locomover realiza consertos e reposição de peças, limpeza, calibragem de pneus e lubrificação, além de adaptações nas cadeiras de rodas, como encostos, assentos, apoios de braços, de tronco, de pés, de cabeça e acessórios, tudo de acordo com as necessidades de cada usuário.

Para adaptar a cadeira de rodas a cada pessoa, a Oficina Locomover conta com uma equipe composta pela fisioterapeuta Juliana Cholakov, o engenheiro mecânico e supervisor de produção Reginaldo Moreira, a terapeuta ocupacional Daniela Andrade e o tapeceiro Denis da Silva Malta. Desde 2019 até setembro de 2022, ocorreram adaptações e reparos em 1365 equipamentos. “Uma cadeira de rodas inade-





quada pode acarretar muitos danos ao paciente. Isso pode vir desde um maior esforço no uso do equipamento até prejudicar a postura, respiração, nutrição e provocar dores”, destaca Juliana Cholakov, fisioterapeuta da Casa da Criança Paralítica.

A fisioterapeuta e o engenheiro mecânico fazem uma avaliação das necessidades do paciente e planejam os ajustes necessários. “Fazemos uma avaliação observando as características específicas e individuais. Para isso, analisamos o biótipo físico, a situação postural, capacidades funcionais e atividades da vida diária com a cadeira”, conta Juliana. Reginaldo Moreira completa: “Avaliamos as necessidades de utilização de alguns acessórios, como cinto de segurança, apoio dos pés, abductor de membros inferiores, encos-

to, mesa de apoio, apoios laterais para tronco, apoio de cabeça, bloqueadores de joelhos, entre outros”.

Os dois profissionais relatam que uma cadeira adaptada acaba por mudar a qualidade de vida do paciente e da família. “Gera conforto, independência, segurança, além de aumentar a vida útil do equipamento”, acrescenta Reginaldo.

Outro impacto socioambiental da Oficina Locomover se dá com o recebimento de doações de cadeiras de rodas e outros equipamentos auxiliares à locomoção em estado passível de recuperação. “Fazemos reparos e substituições de peças necessárias para doarmos a pessoas que precisam. Quando recebemos cadeiras de rodas que não podem ser restauradas, desmontamos para tentar aproveitar as peças. Isso ajuda na sustentabilidade”, diz Silvia.



Benefícios na vida prática

Marcia de Souza Gonçalves, 33 anos, e seu irmão gêmeo nasceram com paralisia cerebral. Ela frequenta a Casa da Criança Parálitica desde que tinha 4 anos e conta que, em alguns momentos, os dois chegaram a ficar somente com uma cadeira de rodas por conta da falta de manutenção. Eles tinham que escolher qual dos dois usaria a cadeira, quem sairia ou ficaria em casa. “Se quebrava alguma coisa de uma das cadeiras, adaptávamos na outra, pois dificilmente conseguíamos consertar as duas. Com a Oficina Locomover, conseguimos ajustar tudo que precisamos de forma rápida e de acordo com a nossa necessidade. Hoje, temos duas cadeiras de rodas funcionando bem e adaptadas para cada um de nós. Não preciso mais dividir a única cadeira com meu irmão. E, se uma delas

quebrar, sabemos que podemos contar com a Oficina Locomover e, além disso, temos até a reserva”, conta.

Fernanda Natalia de Lima, 32 anos, também nasceu com paralisia cerebral e desde os 3 anos frequenta a Casa da Criança Parálitica. Ela conta que antes era muito difícil conseguir encontrar um lugar que arrumasse a cadeira de rodas e que, principalmente, não demorasse tanto para fazer os reparos necessários. Ela acessou o serviço da Oficina Locomover e ficou bem satisfeita com o olhar atento que tiveram para suas necessidades. “Fica muito mais rápido, pois em Campinas é difícil achar lugar que adapte a necessidade individual”, diz.

Bruna Lidiane da Silva, 26 anos, com a mesma deficiência que elas, frequenta a Casa da Criança Parálitica desde que era bebê. Ela lembra que antes tinha



muita dificuldade de consertar ou fazer manutenção em sua cadeira de rodas. “Ficou muito bom termos esse serviço disponível dentro da Casa da Criança Paralítica, pois a cadeira é nosso meio de locomoção e precisa estar bem confortável e ajustada para não prejudicar nossa saúde”, disse.

Novas demandas

O próximo passo é ampliar a Oficina Locomover dentro das próprias instalações da Casa da Criança Paralítica para manufaturar órteses e próteses. “A Oficina Locomover tem um planejamento a longo prazo para trabalhar também com órteses e próteses, e a FEAC pretende participar dessas próximas etapas também”, conta Viviane.

Foram muitos olhares atentos que deram vida à Oficina Locomover, e, para-

fraseando o poeta Manoel de Barros, são os nossos olhos que renovam o mundo. Se depender dos olhares das equipes da Casa da Criança Paralítica e da FEAC, devem ocorrer mais renovações e ampliações na Oficina Locomover.

Kátia Camargo



Kátia Camargo



Kátia Camargo





gerir e gerir estratégico

O que faz?

O Programa Qualificação da Gestão da Fundação FEAC atua para que as OSCs adotem boas práticas com o objetivo de operar de forma autônoma, com processos de gestão eficientes, em conformidade, regularidade e, principalmente, impacto social significativo. Dentre os diversos projetos que já implantou, estão o Gerir, em 2017, e, em 2019, o Gerir Estratégico. O objetivo de ambos é oferecer uma trilha de formação em grandes áreas pertinentes à gestão e ministrada para profissionais de OSCs de Campinas.

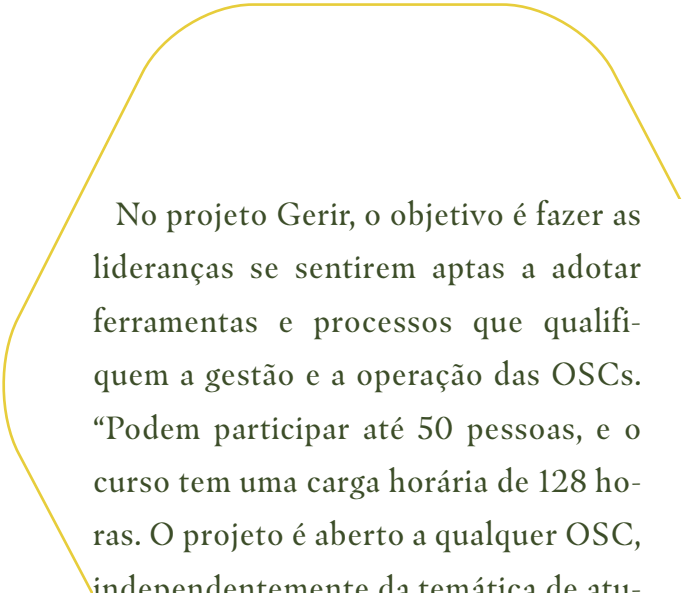
Qualificar para avançar

Como fortalecer as Organizações da

Sociedade Civil? Como torná-las mais eficientes no dia a dia e ampliar os impactos das ações do terceiro setor? Uma das formas é por meio da qualificação, e, pensando nisso, a FEAC idealizou os projetos Gerir e Gerir Estratégico.

“O objetivo desses projetos é fazer com que as Organizações da Sociedade Civil sejam capazes de propor, desenhar, testar, implantar e escalar soluções geradoras de impacto social positivo e duradouro. Outra meta é que essas OSCs se tornem reconhecidas pela comunidade local e geradoras de desenvolvimento social e impacto social positivo”, destaca Nathália Garcia, líder do programa Qualificação da Gestão de Organizações da Sociedade Civil, da FEAC.





No projeto Gerir, o objetivo é fazer as lideranças se sentirem aptas a adotar ferramentas e processos que qualifiquem a gestão e a operação das OSCs. “Podem participar até 50 pessoas, e o curso tem uma carga horária de 128 horas. O projeto é aberto a qualquer OSC, independentemente da temática de atuação”, conta Nathália.

Já o Gerir Estratégico consiste em ensinar o uso de ferramentas de gestão e suas aplicações, os principais conceitos de inovação direcionados ao impacto social. “O objetivo principal é fazer com que as organizações consigam estruturar um plano de sustentabilidade econômica, aprimorem sua gestão, ampliem e monitorem o impacto social de suas atividades”, destaca.

Os temas abordados estão distribuídos em cinco eixos: Governança; Responsabilidade Financeira; Informação

Pública; Captação de Recursos e Sustentabilidade Econômica.

“O que temos percebido ao longo desses projetos é que ocorre uma mudança muito significativa no olhar de quem está dentro da OSC. Eles começam a enxergar diferentes oportunidades, buscar outras formas de recursos ou mesmo estruturar seus objetivos de outras maneiras. Tanto o Gerir quanto o Gerir Estratégico têm causado grandes impactos nas organizações”, destaca Nathália.

Gerando novos olhares

Fundado em 1924, o quase centenário Serviço de Saúde Cândido Ferreira é uma referência para o tratamento de pessoas com transtornos psiquiátricos. Para se ter uma ideia de sua relevância, atua em rede de atenção psicossocial e conta com 39 unidades assistenciais,

que estão em vários territórios do município de Campinas, atendendo, em média, 5.500 pessoas por mês.

Além disso, a instituição desenvolve projetos de arte, esporte e cultura, com o coletivo do esporte e da música, Ponto de Cultura Maluco Beleza, o Museu Vivo Cândido Ferreira e o Programa de Residência Médica em Psiquiatria.

“Para a OSC que represento, a participação no Programa de Qualificação da Gestão por meio do Gerir e do Gerir Estratégico vem permitindo a qualificação dos profissionais da direção e da área administrativa para implantação de novas ações que visam impulsionar a instituição, trazendo um novo olhar para as nossas potencialidades e ajudando a investir em novas soluções”, destaca Sandrina Indiani, presidente do Conselho Diretor do Cândido Ferreira.

O projeto começa fazendo um diagnóstico de cada organização, e isso é muito importante, pois envolve temas como gestão, capacitação de recursos, *marketing*, contabilidade e planejamento. “Eles retornam esse diagnóstico com uma avaliação dos pontos que precisam ser melhorados”, conta Sandrina.

Ela conta que a formação proporcionou conhecimentos para começar a participar de editais, executar projetos e implantar procedimentos operacionais nas áreas de transporte, serviços gerais e suprimentos. O Gerir também ajudou a estruturar um programa de voluntariado. Sandrina completa ainda que sua participação no Programa da FEAC vem assessorando a gestão na mudança da cultura organizacional. “O Cândido Ferreira é uma instituição quase centenária e que precisa resgatar seu espírito filantrópico, razão da sua fun-



dação. Foi pioneiro na reforma psiquiátrica e na assistência em saúde mental prestada e está pautado na inclusão social”, diz.

Outro aspecto relevante é o encontro com dirigentes e profissionais de outras organizações. “Minha turma, por exemplo, mantém contato via grupo de WhatsApp. E, com essa proximidade, partilhamos os nossos eventos e os dos outros, ajudamos a sanar dúvidas quando conseguimos. Além disso, podemos acessar os técnicos da FEAC, que sempre se colocam disponíveis e apontam caminhos para a melhor solução”, diz.

“Mudou o olhar para boas práticas, para fazer de forma profissionalizante todo o trabalho. Existe um antes e depois de passar pelo Gerir e pelo Gerir Estratégico. São projetos que ampliam o horizonte de todos que têm a oportunidade de participar”, afirma Sandrina.

Arquivo Fundação FEAC







hub da cidadania ativa

O que faz?

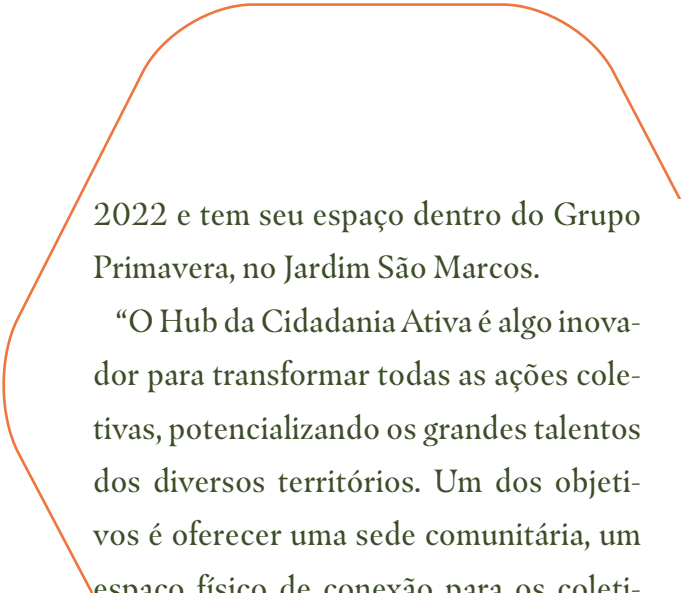
O Hub da Cidadania Ativa, projeto criado pela FEAC e que, atualmente, conta com a parceria da Casa Hacker e do Grupo Primavera, tem o propósito de estimular um ambiente de conexão, informação, formação e aprendizagem que potencialize as ações dos coletivos, dando visibilidade a causas do território. O projeto oferece também espaço de discussão sobre as principais temáticas sociais que envolvem a região. O Hub é um espaço onde coletivos e grupos que atuam no território encontram apoio material, técnico e financeiro. Ali se encontra um espaço de troca, com gestão compartilhada, que promove a participação social e a cidadania ativa. É um ambiente no

território, para o território, que fomenta informação, formação, aprendizagem, diálogo e construção coletiva de projetos e soluções sociais para a comunidade.

Conectando diferentes olhares

Você já escutou o seguinte provérbio africano: “Se quer ir rápido, vá sozinho. Se quer ir longe, vá em grupo”? Esta frase conversa muito com o Hub da Cidadania Ativa. Atualmente, o projeto contempla dois hubs em diferentes bairros: o Quebrada em Movimento, que começou a funcionar em 2021, com o apoio da Casa Hacker, e tem seu espaço no Centro Cultural Jardim Itajaí, na região do Campo Grande; e o Conexão Quilombo Amarais, que começou a ser implementado em março de





2022 e tem seu espaço dentro do Grupo Primavera, no Jardim São Marcos.

“O Hub da Cidadania Ativa é algo inovador para transformar todas as ações coletivas, potencializando os grandes talentos dos diversos territórios. Um dos objetivos é oferecer uma sede comunitária, um espaço físico de conexão para os coletivos, para valorizar os trabalhos que realizam e empoderar a comunidade. Sabemos que faltam recursos e estrutura a muitos destes grupos”, conta Daniela Vieira, líder do Programa Cidadania Ativa, da FEAC.

Para se ter uma ideia da tradição que esse tipo de ação carrega, o conceito de coletivo começou a surgir no início da década de 1970 e define um agrupamento de pessoas que comungam de um mesmo ideal ou causa. Esses grupos lutam pelo que acreditam ser melhor para a sua existência e por melhorias e fortalecimento

de sua comunidade. Os coletivos podem ainda servir de base para a construção de futuras políticas públicas.

O projeto Hub da Cidadania Ativa surgiu justamente de um olhar para coletivos e grupos que já atuam em suas causas e da necessidade de ampliar a participação na realização de transformações sociais positivas em locais de maior vulnerabilidade social de Campinas. “As pessoas se conectam para criar uma agenda única, se encontram e se fortalecem, apoiando quem transforma. Os coletivos já trabalhavam para dar voz e vez para as suas causas, mas juntos se tornam ainda mais potentes e conseguem causar mais impacto social onde atuam”, diz Geraldo Barros, idealizador da Casa Hacker, que é um dos responsáveis pela implementação do projeto Hub da Cidadania Ativa nos dois territórios.

Mapeando os coletivos

O primeiro trabalho do projeto Hub da Cidadania Ativa foi mapear os coletivos existentes no território e quais eram suas causas. Dentre eles surgiram grupos ativistas, voltados à arborização, ao combate à pobreza, de artistas independentes ou produtores, grupos de voluntários, grêmios, associações, projetos independentes, além de organizações da sociedade civil voltadas a capoeira, futebol, arte, produção musical, artesanato, direitos humanos, estudantes, jornalismo independente, artes marciais, literatura, agricultura e hortas comunitárias, audiovisual, gênero e igualdade.

“Os territórios são extremamente potentes e repletos de talentos, mas enfrentam problemas e falta de apoio com governança, gestão, captação de investimentos e incentivo para desenvolver

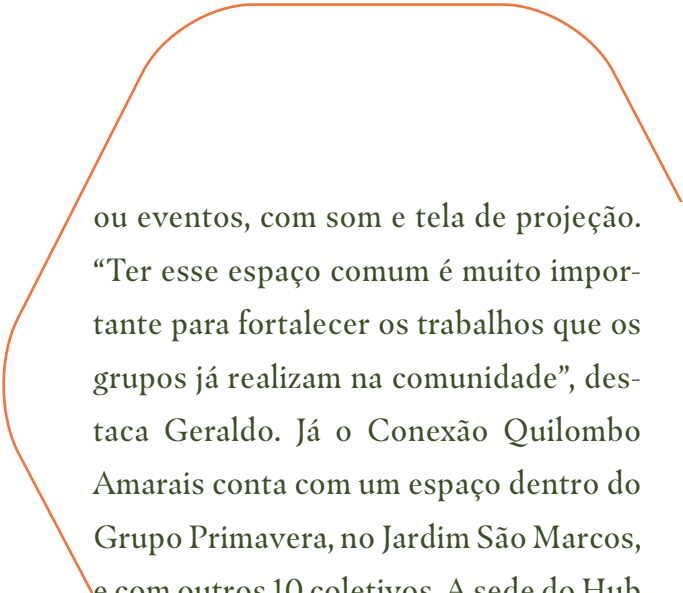
suas ações. O Hub da Cidadania Ativa busca contribuir para impulsionar ações comunitárias que, juntas, consigam promover o desenvolvimento sustentável de seus espaços, fortalecendo os coletivos, as iniciativas da comunidade e suas ações de impacto”, comenta Daniela.

“O Hub funciona como um porto seguro. É um espaço para cuidar e fortalecer essas lideranças, um lugar de compartilhamento de ideias que estimulem a parceria e o desenvolvimento com um apoio técnico”, completa Geraldo.

Espaço físico fortalece a atuação

Na Casa de Cultura do Parque Itajaí, que acolhe o Hub Quebrada em Movimento, foi criado um espaço de *coworking*, disponível durante a semana inteira, com estação de trabalho equipada com computador e internet, além de sala de aula





ou eventos, com som e tela de projeção. “Ter esse espaço comum é muito importante para fortalecer os trabalhos que os grupos já realizam na comunidade”, destaca Geraldo. Já o Conexão Quilombo Amarais conta com um espaço dentro do Grupo Primavera, no Jardim São Marcos, e com outros 10 coletivos. A sede do Hub possui sala de reunião, área externa, internet, computadores, impressoras, *kits* de gravação e outros equipamentos disponíveis aos coletivos.

“Conseguimos criar espaços comunitários dentro dos territórios, que as pessoas podem usar para discutir questões do bairro, suas causas, e que têm computador, internet e impressora para a produção de material necessário a essas causas. Temos visto o quanto isso tem sido importante para o fortalecimento desses coletivos”, destaca Geraldo.

Além disso, os grupos recebem capacitação técnica que traz temas como *marketing* de causa, inclusão digital para lideranças, captação de recursos, mentorias coletivas que ajudam a pensar estratégias e articulações. “As oficinas de que os coletivos participam ajudam a desenvolver um plano de ação, além de formas de captar recursos e apresentar soluções”, afirma Geraldo.

Os coletivos podem ainda ter acesso ao Capital Semente, fornecido pelo Hub, a partir de um plano de ação. “É muito comum vermos esses coletivos colocando dinheiro do bolso para conseguir realizar ações de impacto social”, diz Geraldo. Ele ainda exemplifica com um coletivo que ensina pré-adolescentes a jogar futebol: “Todos os meses eles precisavam comprar uma bola nova, que custa, em média, 150 reais, e esse dinheiro sempre saía do bolso



deles. Com o Capital Semente é possível prever esses gastos, evitando que os coletivos assumam esse custo”.

O projeto Casulo faz parte dos coletivos que integram o Hub Quilombo dos Amarais, sediado no Grupo Primavera, no Jardim São Marcos. Ele surgiu logo depois que os alunos voltaram da pandemia para a escola e não estavam alfabetizados. O coletivo conseguiu um apoio para alugar um espaço para receber as crianças no contraturno escolar para um reforço escolar. “Mas buscávamos trazer o aprendizado por meio do brincar, do incentivo à leitura, e trazendo sempre o lúdico como uma forma de potencializar o aprendizado”, conta Josicleia dos Santos Lira, que é professora de português na rede pública e ajudou a idealizar o projeto Casulo junto com outros voluntários.

Ela destaca que, com o apoio do Hub da

Cidadania Ativa, da FEAC, por meio do Capital Semente, resolveram investir ainda mais no incentivo à leitura. As crianças foram visitar uma editora de livros, participaram de contação de histórias e, com isso, passaram a expandir sua vivência literária. Elas também participaram das estações de experiências literárias, e, no final, cada criança ganhou um livro, para continuar a experiência da leitura em casa.

O objetivo é que o Hub da Cidadania Ativa se espalhe para outros territórios. “Sabemos da força e do impacto que cada um que faz parte dos territórios carrega em sua essência e da importância das alianças e do relacionamento das pessoas”, diz Daniela. Essas conexões promovidas no Hub da Cidadania Ativa lembram a conhecida filosofia africana Ubuntu, que é traduzida como “Eu sou porque somos”, e reforça a intensidade desses encontros.









potencializar

O que faz?

O projeto Potencializar: fortalecendo os vínculos sociais, familiares e comunitários nasceu por meio de uma parceria com a FEAC e visa desenvolver um trabalho sistemático de proteção social com as 60 famílias participantes dos Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) do Progen (Projeto Gente Nova).

Garantia de proteção social

O Progen existe desde 1984 e sempre buscou garantir a proteção social das crianças, adolescentes, jovens, adultos, pessoas idosas e famílias nos territórios onde está inserido. Atualmente, conta com quatro unidades no município de

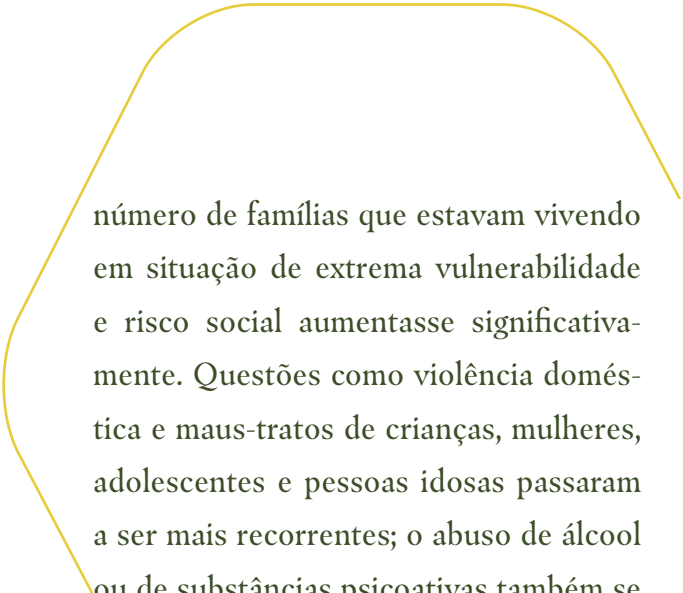
Campinas, uma no Jardim Bassoli e outras três nos bairros Satélite Iris, Castelo Branco e Jardim Garcia.

Atuando de forma preventiva e proativa, o Progen aposta no desenvolvimento de cidadania ativa, conscientização quanto à valorização da vida, criticidade frente à realidade cotidiana, na construção de um projeto de vida, no respeito mútuo e na preparação para o mundo do trabalho e para o exercício do protagonismo e da autonomia. Todas essas ações visam fortalecer os vínculos sociais, familiares e comunitários.

Sequelas de uma realidade bem desafiadora

A pandemia de Covid-19 fez com que o



A yellow line starts from the top left, curves around the top and right, and ends pointing towards the text.

número de famílias que estavam vivendo em situação de extrema vulnerabilidade e risco social aumentasse significativamente. Questões como violência doméstica e maus-tratos de crianças, mulheres, adolescentes e pessoas idosas passaram a ser mais recorrentes; o abuso de álcool ou de substâncias psicoativas também se agravou no período, ocasionando graves problemas, inclusive nas relações familiares. “Recebemos muitas solicitações de orientação sociofamiliar, de apoio, de ajuda, de acolhida. Com essas demandas crescendo, sabíamos que precisávamos construir algo que ajudasse a ofertar a proteção básica antes que os vínculos familiares fossem rompidos e os casos pudessem chegar a outros extremos, como, por exemplo, casos de feminicídio”, conta Claudio Roberto Raizaro, coordenador de atividades do Progen.

Foi também olhando para o Relatório de Informações Sociais de Campinas (RIS/2016) e para a coleta no Sistema TABNET/SISNOV, de 2021, que o Progen constatou a complexidade e o agravamento das situações de vulnerabilidade, violências e violação de direitos que as famílias estavam vivenciando.

Dessa análise nasceu o projeto Potencializar: fortalecendo os vínculos sociais, familiares e comunitários, ideia prontamente apoiada pela FEAC. “O objetivo é prevenir o agravamento das vulnerabilidades sociais das famílias e dos indivíduos. Para isso, montamos um projeto que vai atuar por dois anos em duas unidades do Progen. Primeiramente, o Potencializar está sendo implantado no Jardim Bassoli e depois será a vez da unidade sediada na Vila Bela”, conta Claudio.

Sílnia Prado, líder do Programa Fortalecimento de Vínculos, da FEAC, complementa que o fato de ocorrerem dois territórios com diferentes realidades ajudará a avaliar o projeto de forma consistente e transformar esta metodologia em uma tecnologia social levada à escala.

Como funciona?

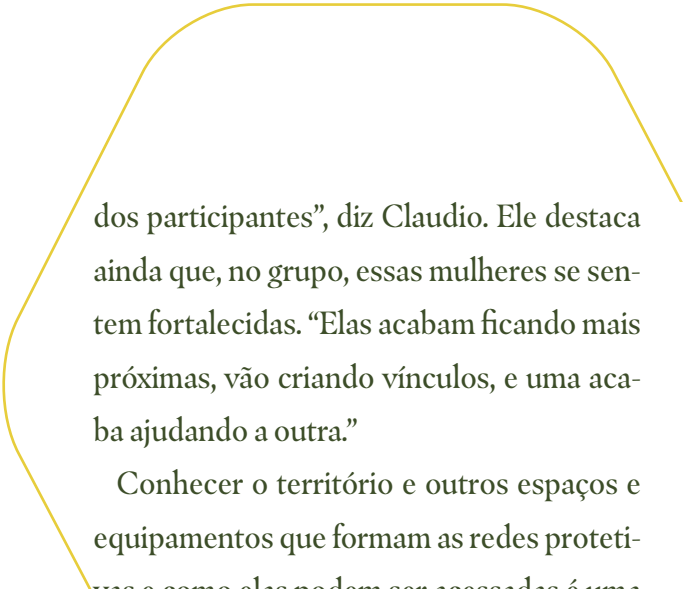
As atividades propostas para o Potencializar contemplam dois eixos estruturantes da Política da Assistência Social: Matricialidade Sociofamiliar e Territorialidade.

A equipe do Potencializar, em consonância com as equipes dos serviços das unidades do Progen, define quais famílias participam do projeto. “Sempre olhando para os critérios de vulnerabilidade, violência e violação de direitos”, conta Claudio. As famílias passam pelo atendimento particularizado e poderá ocorrer também a visita familiar. “Com

isso, construímos um Plano de Acompanhamento Familiar. Buscamos criar uma vinculação com as famílias e estabelecemos com elas metas a serem desenvolvidas ao longo do projeto”, complementa.

Os atendimentos contemplam os Grupos Socioeducativos (com crianças e adolescentes) e Sociofamiliares (com o público adulto). “Acreditamos que o trabalho em grupo tem uma natureza muito específica e surte um efeito benéfico para todos que participam desses encontros”, diz. Nos grupos, as pessoas atendidas, que, em grande parte, são mulheres, identificam-se, partilham das mesmas angústias e dores. Muitas passam por situações de violência bem parecidas, mas, para elas, essa situação é tão naturalizada que, muitas vezes, não percebem o grau de violência que sofrem. Cada encontro é planejado para trabalhar um tema que afeta e conversa com boa parte da realidade





dos participantes”, diz Claudio. Ele destaca ainda que, no grupo, essas mulheres se sentem fortalecidas. “Elas acabam ficando mais próximas, vão criando vínculos, e uma acaba ajudando a outra.”

Conhecer o território e outros espaços e equipamentos que formam as redes protetivas e como elas podem ser acessadas é uma etapa muito importante no Potencializar. “Vamos conhecer, por exemplo, o Centro de Referência e Apoio à Mulher (CEAMO), bem como outros espaços da rede de proteção, para que as participantes saibam a quem recorrer, caso seja necessário. Acreditamos que as experiências adquiridas nesse grupo façam com que as participantes se tornem multiplicadoras de conhecimento e da garantia de seus direitos. Elas passam a saber dar nome às situações que vivenciam e sabem que existe uma rede de apoio”, diz.

Ao longo do Potencializar, haverá tam-

bém atividades externas para aumentar o repertório sociocultural. “Vamos conhecer espaços, como a Lagoa do Taquaral e outros locais, para que elas saibam que a vida pode ser um pouco mais leve. Essas oportunidades incentivam também a convivência e fortalecem os vínculos”, diz.

“Desejamos que esse projeto desenvolvido na Proteção Social Básica evite que as famílias cheguem a romper os vínculos, que isso não seja institucionalizado, prevenindo e evitando o agravamento da violência”, destaca Sílnia.

Para a líder do Programa Fortalecimento de Vínculos, o Potencializar oferece uma oportunidade de aprimorar e sistematizar o atendimento a famílias na Proteção Social Básica (PSB), mais especificamente no âmbito do SCFV-CCII. “Acreditamos que, de forma proativa e preventiva, se pode diminuir e até mesmo evitar que casos possam



evoluir para encaminhamentos para a Proteção Social Especial de Média e Alta Complexidades”, destaca.

Como bem diz uma frase de Maria da Penha, símbolo de luta por uma vida livre de violência doméstica e autora do livro *Sobrevivi... posso contar*, “a vida começa quando a violência acaba”. O Potencializar: fortalecendo os vínculos sociais, familiares e comunitários também acredita nessa frase.

Arquivo Progen



Arquivo Progen



Arquivo Progen





Arquivo Progen



Arquivo Progen



texto Kátia Camargo

coordenação de projeto Fundação Educar DPaschoal

coordenação editorial Rita Silva

colaboração Camila Mazin, Cristiane Stefanelli, Daniela Vieira, Jair Resende, Jorge Santos, Natália Valente, Nathália Garcia, Renato Franklin, Renato Nahas Batista, Sílvia Prado, Simone Santos, Tatiane Zamai, Teresinha Klain e Viviane Machado.

projeto gráfico, diagramação e capa Mariana Rodrigues

revisão Sâmia Rios

apoio Fundação FEAC

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Camargo, Kátia

Tempo de esperar / Kátia Camargo. -- 1. ed. -- Campinas, SP : Fundação Educar DPaschoal de Benemerência e Preservação da Cultura e Meio Ambiente, 2023.

ISBN 978-65-87284-10-1

1. Cidadania 2. Educação 3. Empreendedorismo 4. Gerenciamento de projetos I. Título.

23-147079

CDD-370

Índices para catálogo sistemático:

1. Cidadania : Projetos educacionais : Educação 370

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Este livro foi composto com as tipografias Azo Sans e Masqualero, impresso em papel couché 150g/m² por gráfica Santa Edwiges. 1ª edição de 2023. Tiragem 300 exemplares.

**É preciso ter esperança,
mas ter esperança
do verbo esperar;
porque tem gente que
tem esperança do verbo
esperar. E esperança
do verbo esperar não
é esperança, é espera.
Esperançar é se levantar,
esperançar é ir atrás,
esperançar é construir,
esperançar é não desistir!**

Paulo Freire